

MERGULHO
MERGULHO
MERGULHO
MERGULHO
MERGULHO

M
E
R
G
U
L
H
O
S

MERGULHO
MERGULHO
MERGULHO
MERGULHO
MERGULHO



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE INSTITUTO DE ARTE E
COMUNICAÇÃO SOCIAL

JULIA LUZ SALDANHA

MERGULHOS

lugar dos processos vitais de criação no campo da arte contemporânea.

Mestrado em Estudos contemporâneos das Artes

RIO DE JANEIRO
2024

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos contemporâneos das Artes do Instituto de arte e comunicação social da Universidade Federal Fluminense, na Área de experiência conceito e sonoridade, como parte integrante dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Arte contemporânea, sob a orientação do Prof. Dr. Ricardo Basbaum e co-orientação da Prof. Dra. Karlla Giroto.



BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Roclaw Basbaum.

Instituição: PPGCA_UFF

Assinatura: _____

Co-orientação Prof(a) Dr(a) Karlla Barreto Giroto

Instituição:

Assinatura: _____

Banca examinadora: Prof(a) Dr(a) Jessica Gogan

Instituição: PPGAC_UFF

Assinatura: _____

Banca examinadora: Prof(a) Dr(a) Rosane Preciosa Sequeira

Instituição: IAD_UFJF

Assinatura: _____

Esta pesquisa foi desenvolvida sem apoio ou auxílio dos órgãos de pesquisa Científica e Tecnológica do País, de setembro de 2021 a dezembro de 2023*. A pesquisa teve total de duração de aproximadamente 21.900 horas de trabalho ininterruptas.

*O trabalho concorreu apenas às bolsas internas da Universidade no ingresso ao programa em 2021.



LEMBRETES

A pesquisa artística não pode se subordinar à obediência acadêmica
(Graziela Kunch).

A vida é uma busca do aprender a desejar e sustentar o desejo: a dissertação também é.

A percepção e a elaboração são bens preciosos, lembre-se sempre de cuidar delas. Cuidar delas.

O mestrado para além da escrita e produção acadêmica, serve para nos tornarmos bruxas!
(Conversa com a amiga Larissa Vaz, que está cursando a pós-graduação na UFPE em antropologia, nessa conversa ambas dividimos os processos, as dificuldades e principalmente a insistência no processo e nos desejos, as alegrias pelos mestrados em andamento. Aqui falamos sobre a magia e o encantamento que se apresenta com as forças das pesquisas. Essa conversa apareceu enquanto abríamos um jogo de cartas de tarot.)

Temos que aprender, como as bruxas fizeram, a conjurar círculos que nos protejam de nosso meio insalubre e infeccioso, sem nos isolarmos do trabalho que precisa ser feito, das situações concretas que precisam ser enfrentadas. Nossa preocupação pragmática e empírica exigiria, então, cultivar, junto aqueles em que confiamos, uma arte informada da deslealdade, a arte de desmontar discretamente os hábitos acadêmicos, de confundir o olhar dos inquisidores, de regenerar maneiras de honrar tudo o que nos faz pensar, sentir e imaginar.
(Stengers, Isabelle, Uma outra ciência é possível.)

Pensar é sempre seguir a linha de fuga do voo da bruxa.
(Deleuze & Guattari, O que é a Filosofia?)

A água é uma coisa que não se pode segurar.
(Carson, Anne. Antropologia da água. Poema traduzido por Thais Medeiros e Wallace Masuko)

Não esquecer dos pés e não esquecer da travessia.
(Provação a partir do Livro "A Saga" de Gabriela Perigo.)

Um trabalho de arte nunca se encerra nele mesmo. O trabalho também está nas camadas textuais, imagéticas e sensoriais e em todas as negociações para que ele aconteça.

Aos corpos sensíveis que ajudaram a materializar esta pesquisa. A todas as forças, que puderam emergir em diversas formas e materialidades ao longo desse processo.

Convido vocês a vertigem e ao prazer dos mergulhos..



RESUMO

Este é um trabalho de pesquisa intimamente ligado ao corpo e a criação de processos subjetivos. Busco compreender forças germinativas e afetivas através do sensível. Com esta pesquisa, empenho-me em investigar e tatear mergulhos de forma subjetiva, poética e prática. Ir ao encontro dos movimentos vitais da existência, investigando o que se passa entre mergulhos, confluências, sem deixar

de lado os transbordamentos. É um processo de busca poética, que envolve minha prática micropolítica, ética e estética como artista e meu corpo no mundo, levando em consideração outros corpos, matérias, acontecimentos, forças e acasos. É um mergulho que se faz na confluência entre a pesquisa (acadêmica) e a produção em arte contemporânea, e que produz novos corpos (novos trabalhos). É uma experimentação, na mesma medida em que já é um trabalho.

Um texto reflexivo e teórico entre as produções artísticas e acadêmicas. Me proponho aqui a perceber como a pesquisa pode afetar a prática e como se dá uma prática contaminada por uma escrita, como não dissociá-las e, ao mesmo tempo, dissolvê-las. É uma prática de confluências entre diversos campos, saberes e conhecimentos, transitando entre territórios da teoria e criação, inseparáveis e indissociáveis. Diferentes procedimentos são empregados na construção do texto, são eles: apropriações, deslocamentos, desvios, saltos, entrelaçamentos, ancoramentos, respiros e repetições. Há aqui uma evocação de diferentes fluxos: textuais e corporais.

Vai e vem é, não só a onda mas, também o modo de operar a escrita. Uma escrita que se lança entre a prática e a teoria decalcadas na experiência subjetiva de uma corpa.

É uma pesquisa,
é uma experiência,
é um mergulho,
é [sim] um trabalho,
são muitos os trabalhos.

Palavras-chave: arte contemporânea; processos de criação; produção de subjetividade; mergulhos.

ABSTRACT

This is a research project intimately tied to the body and the creation of subjective processes. I seek to understand germinative and affective forces through the senses. With this research, I strive to investigate and to dive in a subjective, poetic and practical way. To meet the vital movements of existence, investigating what happens between dives, confluences, without neglecting the overflows. It's a process of poetic search that involves my micro-political, ethical and aesthetic practice as an artist and my body in the world, taking into account other bodies, materials, events, forces and chance. It's a dive that takes place at the confluence of (academic) research and contemporary art production, and which produces new bodies (new works). It is an experiment, in the same way that it is already a work. A reflective and theoretical text between artistic and academic productions. I propose to understand how research can affect practice and how a practice is contaminated by writing, how not to dissociate them and, at the same time, dissolve them. It is a practice of confluence between different fields and knowledges moving between the territories of theory and creation, which are inseparable and indissociable. Different procedures are used to construct the text: appropriations, displacements, deviations, leaps, intertwining, anchoring, breaths and repetitions. There is an evocation here of different flows: textual and bodily. Coming and going is not only the movement of the waves, but also the way my writing process works. It's a writing that moves between practice and theory, traced on the subjective experience of my body.

It's research,
it's an experience,
it's a dive,
... it's [yes] a work,
there are many works.

Keywords: contemporary art; creative processes; production of subjectivity; dives.

A QUEM AGRADEÇO OS MERGULHOS

esse trabalho existe na força dos encontros e da circulação dos afetos

Ricardo Basbaum, orientador-professor-artista e etc que me abre oceanos.

Karla Giroto, co-orientadora, por sua habilidade e disposição em cuidar das nossas águas, nossos encontros e processos artísticos com vitalidade. Por acompanhar esta pesquisa desde quando ela era uma pequena nascente de água jorrando e pedindo passagem. À todas as nossas trocas, que são grandes e respiram.

Jessica Gogan, pelas alegrias em grupo, das trocas no zoom às areias do Rio de Janeiro. À banca generosa e surpreendente na qual trouxe muitas colaborações artísticas e afetivas.

Rosane Preciosa, sua presença pulsante que faz querer estar sempre perto. À como você caminha na poesia e trouxe isso ao trabalho com seu olhar precioso e preciso.

Iasmini Nardi, pela revisão cuidadosa e as trocas a partir do texto. Obrigada pelo encontro.

Aos muitos professores, que também são amigos e/ou colegas de trabalho,

Ana Estaregui, André Sztutman, Daniela Avelar, Fabio Tremonte, Cauê Garcia, Raphael Escobar, Livia Aquino, Bia Petrus, Frederico Lemos, Fábria Schnnor, Danielle Machado e Diogo Liberano.

Gil Gregório, um companheiro que me torna também uma companheira, por segurar minha mão sempre e produzir leveza nas dúvidas. Tudo que compartilhamos já é um corpo vivo por si só.

À baguncinha, minha gata que é toda bagunçada por dentro, mas está sempre ao meu lado para tudo que proponho (inclusive nossas auto-residências). Muito parceirinha, afetuosa e que sabe sempre conquistar todos a sua volta.

Larissa Vaz, e nossas trocas de áudios pelo zap e aos encontros ao vivo, que são poucos, mas que se tornam afetuosos. Também agradeço as trocas e envios de textos que nos são tão importantes. Há um rio invisível entre nós, que leva e traz coisas.

Marina Rago, por todos os memes compartilhados durante nosso simultâneo processo de dissertação, muitos gatos, sonequinhas e biodiversidades. À amizade e à irmandade que cultivamos há anos.

Julia Lea de Toledo, pela amizade, parceria de trabalhos, amiga oposta-complementar.

Juliana Barsi, amiga que ouviu muito sobre esta pesquisa e com sua escuta proporcionou também a minha.

Edson Arcanjo, parceiro que a UFF me trouxe e nossos maravilhosos roles, conversas e práticas em arte e política. Junto a você acredito que “viramos votos”.

Rodrigo Pinheiro, pelas aulas juntas no estágio docência e algumas manhãs na barca Rio-Niterói falando das dissertações.

Guilherme Dutra Ponce, pela esquizoanálise semanal, as trocas sobre o que pode ser um texto e tantas outras possibilidades de processos em construção, por me fazer experimentar mesmo correndo riscos. Por me trazer uma nova compreensão do que pode ser um processo analítico terapêutico e quanto há para se aprender nesse nosso espaço.

Às professoras de pilates Fabiola Maria, Raquel. Ao Karl e Cherie Thai e também ao médico ortopedista Dr. Fabio Wilson Negrelli, profissionais que tratam da minha saúde de forma ampla e cuidadosa. Fazem uso da ciência, e não só, como conhecimento para ajudar pacientes a enfrentar dores e doenças.

À todes es colegas do G>E (grupo maior que eu), do grupo de pesquisa online Deleuze Guattari, do Parquinho Lage, do Parque Lage e do grupo Práticas compartilhadas. Vocês são muitos e grandes!

Aos amigos da escola Oswald de Andrade e às amigas da faculdade Escola da Cidade (SP).

À rede agroecológica caiçara de Ubatuba, coletivo de produtores, artistas e artesãos locais que se encontram semanalmente produzindo saberes. Ali pude experimentar construções importantes sobre redes e coletividades.

À todes es artistas que conheço, pesquisa, aprendo e ensino. À coragem de construir suas existências fortalecidas e pulsantes.

À cidade de Ubatuba, território de terra, resistências e magias singulares. À minha infância neste lugar.

Às minhas tias Luiza e Suzana, por embarcarem nas minhas ondas, pelas conversas e afetos importantes, cada uma à sua maneira.

Minha vô Alzira que aceitou (aos 96 anos) o fato de eu ser artista e me deixa fazer da sua sala, o ateliê. Aos nossos olhos mareados que se cruzam e se tornam força no tempo.

Minha vô Sônia, por dividir comigo seus caminhos na academia, o que já havia trilhado e enfrentado: árduas batalhas (contra o machismo). E sempre me encorajou a falar abertamente sobre assuntos importantes em sala de aula: sempre falei sobre aborto em aula, as Jovens precisavam saber disso, ela diz.

Meu irmão Guilherme, parceiro dos crimes artísticos infantis em Ubatuba, um tanto da nossa criação daquela época, reside ainda em meu corpo e está neste trabalho. É o meu desejo que pulse em seu corpo também.

A minha mãe Cristina e ao meu pai Frederico, pela possibilidade da vida na água.

A todes da minha família e ao redor, que vibram e celebram meu trabalho, os nossos laços e minha existência no mundo. São tantos e vocês sabem quem são.

MERGULHAR _30
mergulho textual
mergulhar na escrita
mergulhar no texto baba

O QUE SE PASSA ENTRE _47
ir ao encontro dos mergulhos

CONTINENTES _66
ser corpo água, corpo agente, reagente

CONFLUÊNCIAS _73
arte educação floresta sala de aula cidade praia

MERGULHAR _86
mergulho como metodologia
Uma ação que nunca é a mesma

TOMAR FÔLEGO _95
considerações, elaborações, gestos

COM QUEM MERGULHEI _101
autores, textos, livros, podcasts, aulas, vídeos e músicas

TRANSBORDAR _104
mergulhar para dissolver as palavras

“A água tem algo de inevitável, quando começa você não tem o que fazer, (ela) age como um exército de formiguinhas, quer dizer onde vai, vão todos. Se você tem um fio de vazamento, sai tudo. Ela tem uma identidade aparentemente frágil porque se move, porque você bebe. Mas ela é muito sólida. No seu percurso, onde há água não há mais nada, ela vence sempre. Essa união indivisível de uma coisa que é tão facilmente separável é que eu acho lindo. É um material que tem orgulho de si mesmo, de buscar a si mesmo, que nenhum outro tem. De buscar o repouso, o tal nível.”

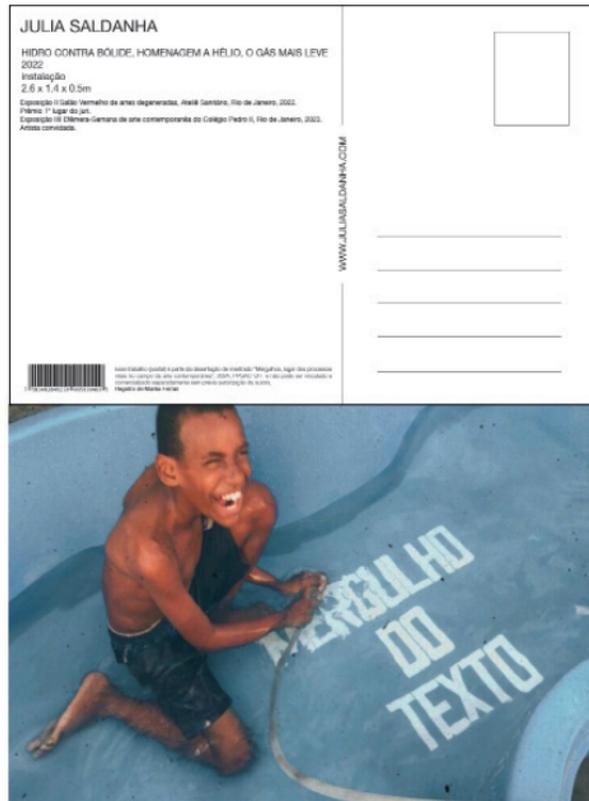
“..Talvez seja nós que não temos, ainda, as capacidades e qualidades para entender o que a água quer nos dizer...”

Castiel Vitorino Brasileiro

Trecho de fala do Nuno Ramos citado por Rosane Preciosa na banca de qualificação deste trabalho. encontra-se no site: <https://www.youtube.com/watch?v=EXcookdsVEM>.

Acesso em 03/11/2023.

A água é o desejo



MERGULHAR

mergulho no texto mergulho na escrita mergulhar no texto baba

Confesso que fiquei em dúvida sobre escrever considerações antes de iniciar, de fato, um texto, no caso, este trabalho. Ao mesmo tempo que queria deixar o leitor desavisado na leitura, também me questioneei: como e por que expor o que vem por aqui, já que nunca sabemos exatamente o que está por vir? Em meio a dúvida, optei por fazê-lo, assim como um começo, uma iniciação. Essa dúvida vem do lugar de pensar o texto como uma experiência, no sentido da escrita como ato performático. Afinal, há tantos devires me atravessando e funcionando nessa temporalidade chamada EU, chamada TEXTO, chamada VOCÊ.¹

A busca, aqui, é no sentido de criar condições e situações para que algo aconteça, por exemplo: pesquisar enquanto se escreve, criar o corpo do texto enquanto se revê com a própria escrita, e tudo que ela traz consigo e comigo. Ela pode trazer ao meu encontro os escritores/artistas que também já foram ao encontro de outros. Se pensarmos junto a Espinosa “Um corpo é sempre um conjunto de corpos”² Um corpo é composto de constante equilíbrio em desequilíbrio. Ele está em movimento e suas partes entram em relação. Um corpo está longe de ser uma unidade isolada, ao contrário, ele depende das partes exteriores para manter-se, há uma relação entre suas partes internas e externas. A Potência é o que define um corpo, nosso corpo é constantemente afetado e estes afetos aumentam ou diminuem nossa potência. Assim, ele lança um grito: o que pode o corpo? O que define os corpos? De quais afetos os corpos são capazes? Assim também é o corpo do texto. Arrisco a riscar neste texto: uma escrita se dá por afetos. Vale ressaltar que não existe um único corpo, por isso em seguida a pergunta: o que pode um corpo? Acrescento: o que define corpos, no plural? Afinal cada corpo é um corpo, orquestrado por ritmos, afetos, sensações, subjetividades próprias.

Reescrevo junto à artista e escritora francesa Marguerite Duras: “a escrita é algo selvagem, umio-nos a uma selvageria anterior à vida. E reconhecemos sempre, é das florestas, antiga como o tempo...Não podemos escrever sem a força do corpo. É preciso ser mais forte que si mesmo para abordar a escrita, é preciso ser mais forte que aquilo que se escreve. É curioso sim, não somente a escrita, o escrito, mas os gritos das festas da noite, de todos, você e eu, os dos cachorros”³

¹ Neste capítulo todo, vale ressaltar, fui muito atravessada pela escrita do livro Rumores discretos da subjetividade: Sujeito e escritura em processo de Rosane Preciosa.

² Spinoza, Baruch. A Ética. Ed. Martin Claret, 2002.

³ DURAS, Marguerite. Escrever. Trad. Luciene Guimaraes de Oliveira. Ed. Relicário. 1ª edição [primavera de 2022].

Deleuze nos diz: pensar não é algo natural e ainda, pensar não é reconhecer, pensamento é criação e como toda criação é também correr riscos.

“Há no mundo alguma coisa que força a pensar. Este algo é o objeto de um encontro fundamental e não de uma reconhecimento...Pensar é criar, não há outra criação, mas criar é, antes de tudo, engendrar “pensar no pensamento”⁴

corremos juntos aqui um risco

Para o filósofo francês, nós nos vemos forçados a pensar e a seguir nesta aventura, pois é preciso dar sentido à força e aos afetos que nos convocam a todo instante. Escrever é dar passagem a essas forças e afetos, é fazer passar os fluxos, e eu diria que é como deixar correr a correnteza, correr o rio em seu fluxo próprio. Escrever e pensar nos faz construir um corpo, um corpo texto que se constrói a partir de outro corpo, aquele que escreve, assim ambos os corpos se constroem juntos, numa dança.

Escrevo para criar um território, um lugar, um espaço, uma fala.

Escrever, muitas vezes, pode ser da ordem de um trabalho arquitetônico, onde é possível procurar pilares, vigas, espaços vazios, um grande vão livre ou pequenas portas de entrada. Um chão que nos acolhe, uma casa vazia que nos abriga da solidão. Escrevo para construir um abrigo ou mesmo para provocar a sutileza de se destruir um edifício inteiro.

Escrevo para trazer o visível e o invisível para perto de nós [eu e você] e os cachorros], uma vez que escrever é como um manto que acolhe a nostalgia e a criação, aproxima-nos de mundos os quais não conhecemos, um mundo transcendente, levando-nos a um lugar impossível de ser medido – não há métrica arquitetônica que possa medir esses espaços da escrita.

Escrevo num mergulho para que eu possa me mover com as palavras. Escrevo para cavucar a mim mesma até encontrar a mina d'água que refresca o verbo.

Escrevo para cavucar a mim e a nós, assim como quando cavucamos a terra ou a areia e ali encontramos líquidos. Ao cavucarmos deslocamos um punhado de terras, redistribuímos porções de areia, produzimos buracos e também construímos castelos...

⁴ DELEUZE, G. Diferença e repetição. Trad. R. Machado e L. Orlandi. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

que caem,

para que outros sejam erigidos.

Escrever é poder marcar um encontro com alguém, um encontro silencioso entre duas matérias, ou um encontro entre muitos corpos, uma festa sonora polifônica, um encontro de espaços e silêncios. Um encontro noturno, no almoço ou no lanche da tarde. Fato é: podemos encontrar pessoas que não conhecemos, que talvez nunca nem vamos saber quem são, mal saberemos onde estará no agora, se é dia ou noite, se faz frio ou calor, se está cansado ou com sono, ou mesmo se já bebeu água. Há vários tipos de encontros através da escrita e podemos até causar certo desconforto com as palavras, mas esse desconforto do encontro agita, acalma, acolhe, produz raiva... e tudo é acontecimento.

Certa vez, numa aula, ouvi a seguinte afirmação: - Um prédio é um acontecimento!⁵ O que me fez pensar que um texto também é um acontecimento, ir ao encontro dele é acontecimento: desencontrá-lo também.

Os encontros produzidos pela escrita não se limitam apenas às convergências entre pessoas; é algo bem mais amplo. Falo também dos afetos que vamos produzindo durante a vida com bichos, paisagens, falas, lugares, gestos, livros, escutas, tudo isso que nos afeta, nos dá consistência e nos transforma. Somos escritos e escrevemos pelo que vivemos com nosso corpo, corpos sutis, estados vibrantes aquosos, dos contatos com outros corpos, trocamos sensações muitas vezes sem saber nomeá-las. Quem escreve está amparado pelo que já existe e está a criar algo ao mesmo tempo, pois algo também se dá nesse exato momento, os momentos dos encontros, o tal acontecimento, é nele que algo vai se produzindo e se reverberando, coisas novas podem se abrir, se fazer existir. É um eterno se fazer e se refazer através dos afetos.

Sobre um acontecimento, digo que é bonito perceber que para uma artista um prédio pode ser um acontecimento. Há algo de muito vivo nesse pensamento é como poder reescrever, construir, reconstruir um prédio, para tanto pode ser necessário novas bases, estruturas e novos vazios. "Um acontecimento não é um fato, uma ocorrência, pois isso é da ordem do razoavelmente simples podem ser linhas, palavras, corpos e coisas em movimento e que se encontram.

Já o acontecimento é sobre a fronteira entre dois mundos que, ao se encontrarem, se transformam como que num processo de desneutralização química como se a água e o sal se transformassem em uma base e um ácido, ao mesmo tempo é como se no encontro houvesse uma força invisível que impulsiona o mundo e a vida rumo ao inesperado e ao desconhecido.

É como se um mundo movimentasse um outro mundo, gerando reações em cadeia e ao mesmo tempo.

Um acontecimento gera devires, é como um mergulho, no qual a partir de gestos, mundos são capazes de se tocarem. Quando eu mergulho, o meu corpo é capaz de se tornar água, ou ao mergulhar num texto me conjugo e me transformo em escrita e assim como o texto se transforma num vivente,

o texto respira

⁵ Anotações de cadernos, aula de mestrado na disciplina de metodologia em Estudos contemporâneos das artes PPGAV_UFF com a artista e professora Eleonora Fabião, agosto 2021.

e é possível dizer que acontece uma dupla mistura, uma simbiose, este encontro é capaz de puxar coisas que eu não sabia que existiam e coisas que realmente não existiam antes dessa escrita. É a criação de um entre, passagens para lugares novos, possibilitando gerar novas vidas⁶.

Repito, um texto respira, é vivo. Por isso, sempre é possível melhorar, modificar, refazer, nos possibilita reescrevê-los inúmeras vezes, ir e voltar, sua criação é um nado livre. Há também um trabalho de edição, assim como quando se faz um filme. Um trabalho de organização, produção, captação, edição, colagem e até mesmo correção de cor. Assim como fazer filmes são trabalhos em coletividade, fazer um texto também é.

Escrever sempre foi algo assustador para mim, nunca gostei de escrever, acho que é porque na escola (como chamamos a instituição de ensino na qual fui alfabetizada e tenho muitos afetos) sempre fui a que sabia desenhar e, por algum motivo, entrei para a turma dos que não sabiam escrever. Cresci repetindo as palavras da professora:

- Você não sabe escrever. Se eu fosse adulta naquela época responderia: Caralho, eu estudo numa escola que se chama Oswald de Andrade⁷, então me ensine a escrever!!!! Mas é minha criança quem grita comigo! Ao fim essa professora, hoje, sem nome e sem rosto, aparece para mim como uma força, uma força destruidora que por vezes se corporifica por aí...Hoje, sei que ela sabe pouco sobre mim, sabe mais sobre regras e normas gramaticais, estruturas de escrita, formas acadêmicas, citações, muitas citações.

Ao longo desses anos, venho aprendendo que escrever não é exato e preciso, mas muito necessário. Escrever, escrever, escrever, escrever assim mesmo, apesar do desespero e, às vezes, escrever com ele ou mesmo a partir dele. Escrever com o medo e fazer com que ele mesmo escreva, escreva-se. Escrever para tentar dissolvê-los.

Uma escrita se faz a partir de, essa ação se dá a partir da ativação de um estado corporal, que muitas das vezes é quase impossível de ser programado, mas que é possível ser cuidado, instaurado, instrumentado e nos dias de hoje digo que é algo possível de ser conquistado ou melhor, roubado, como quem rouba tempo e silêncio para si.

6 Techo retirado do podcast: Imposturas filosóficas. Ep. #195 atropelada pelo mundo sobre o livro Escute as feras de Nastassja Martin. Razão inadequada. 2023.

7 José Oswald de Sousa de Andrade, apelidado de Oswald de Andrade, foi um poeta, escritor, ensaísta e dramaturgo brasileiro. Foi um dos organizadores da Semana de Arte Moderna em 1922, evento que marcou o início do modernismo brasileiro e dá nome a escola que estudei por todo período escolar. Da primeira série ao antigo terceiro colegial.

Nessa escrita percebo que me aproximo mais do escrever a partir da experiência do que se escrever sobre a experiência. Assim o escrever se aproxima ao inscrever.

Uma escrita que se inscreve em corpo, escreve corpo. Corpos.

É viva. Vivemos juntas. Uma escrita corporificada, que envolve saberes situados, ou como define a pensadora Donna Haraway: saberes localizados⁸ que não tem por intenção ou projeto se fazer universal, ao contrário, retira-se desse lugar para poder também questioná-lo.

O texto da dissertação parte de fluxos, é inacabado, faz-se rio e quer desaguar. A subjetividade de quem escreve anuncia que a escrita tem nascente, e por muitas vezes sai atravessada, riscada, marcada, ao avesso. É um gesto em processo. Não há formas e estruturas pré estabelecidas. Tenta se construir ao longo do percurso, a medida a qual vai se fazendo. É mergulho, para tentar ir ao fundo, escavar a si sem saber ao certo o que se encontrará. Possui uma forma incerta. Às vezes, é uma escrita fragmentada como quem vai de um território ao outro, outras vezes dando alguns saltos e podendo se quebrar. Essa quebra é sempre bem vinda, afinal se faz necessário quebrar e desabar textos seja para deslocar os punhados de terra, seja para poder construí-los novamente.

Da imagem ao texto, do texto à imagem, sem deixar de passar por um longo caminho de memórias, afetos e sensações, tudo que é da ordem do vivo. Fluxos que interrompem o corpo e a escrita e ora impulsionam como uma onda num mar agitado, como quando a gente procura o chão e não encontra e aí, vemo-nos em risco

Esse processo é difícil e necessita que seja cuidadoso. Há em mim uma sensação de que nunca me acostumo com viver o risco

mesmo sempre lembrando de que viver é um risco, desenhar é risco, escrever é risco, encontrar é um risco, propor é um risco e

8 HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 13 nov. 2023.

sendo artista é preciso seguir riscando

Nesse fazer texto, escrita há sempre uma sensação de vertigem, porém uma coisa que venho aprendendo é que sempre há chão, pois podemos produzi-lo em nosso corpo para e com o nosso corpo. Mais ainda, o nosso corpo é o nosso chão⁹, o que me traz tranquilidade, de alguma forma, sobre o risco. Uma parte criança dentro de mim sussurra: sempre teremos o chão para riscar e, talvez seja por saber que posso recorrer a essa ação que nos últimos dois meses tenho, diariamente, riscando o chão da praia (ali bem no encontro do rio com o mar). Escrevo porque sei que o risco não estará mais lá no dia seguinte. Sei dessa efemeridade por observar o movimento das marés: todo dia a maré sobe e desce e um tanto de areia é encoberto por água. O rio invade o mar e o mar deságua no rio e vice-versa. Alguma força fez com que eu quisesse produzir esses gestos que chamei de escritas com as marés – durante alguns dias registro essas escritas na areia, já em outras elas são desenhadas por pés de urubus, abelhas, caranguejos¹⁰. Às vezes, eu registro tudo com meu aparato tecnológico, no caso, o celular, outras vezes nem o levo para esse momento para que ele não capture toda minha atenção. A escrita desse parágrafo, por exemplo, começou no canto da praia, mas percebi que agora alargou seus espaços, tomou a praia toda, corpo todo e em seguida essas páginas. Na praia o que acontecia era que o pé queria escrever, o quadril queria escrever, o ombro queria escrever, os joelhos queriam escrever...

...já escrevi com chave, com gravetos, com os dedos, com os pés. Percebi que, à medida que a maré está mais cheia, a escrita também aumenta seu tamanho. Escrevo coisas que a maré leva consigo. Ela leva, mas também traz. Ao mesmo tempo, levo para a Universidade um pouco dessas forças das marés, levo a vibração delas. Visível e invisível. Trago todas essas conversas produzidas na areia, tento dar formas e contornos para estas paisagens e escritas em constante produção e transformação. Dou espaço para que elas se movimentem em meu corpo e no corpo deste livro. Esse processo também é um modo de se fazer pesquisa, de se colocar na pesquisa.

Recentemente, por ter uma doença de coluna, chamada escoliose¹¹, passei a receber mas-

9 Afirmação de Sandra Benites, retirada da Tese de Karlla Giroto. colocar a tese. Temas pesquisados e conversados em grupo no G>E. Grupo conduzido pela mesma.

10 Percebi que eles também escrevem, deixam suas marcas.

11 Escoliose é uma curvatura anormal da coluna para um dos lados do tronco, determinada pela rotação das vértebras, e afeta cerca de 3% dos brasileiros. Casos leves podem não afetar a vida diária. Mas os casos graves podem ser dolorosos e limitar a atividade normal. A condição não decorre de maus hábitos posturais. Ao contrário. É a curva da coluna própria da escoliose que, em muitas situações, é responsável pela má postura, já que esse tipo de desvio pode provocar alterações no corpo todo. A escoliose acima de 40 graus é considerada severa e está indicada a correção cirúrgica. Alguns tipos de escolioses, como a congênita e a neuromuscular, não respondem a nenhum tratamento, sendo tratadas precocemente com cirurgia. retirado do site: <http://hospitalsaomatheus.com.br/blog/escoliose-o-que-e-sintomas-tipos-e-tratamento/#:~:text=Escoliose%20%C3%A9%20uma%20curvatura%20anor->

sagens no chão. Faço e fiz durante a vida tratamentos para cuidar, aliviar a dor e tentar reverter o quadro clínico. Dentre eles está a massagem.

Os massagistas são um casal: Cherie, uma tailandesa e Karl, um brasileiro¹² e ambos fazem e refazem a formação anualmente na Tailândia. A partir dessa última viagem para a formação, na volta, eles resolveram tirar a maca da sala e ficar mais próximos ao chão, o que me separa do piso da sala é um tatame. Em conversas sobre a cultura e os costumes de lá, eles me contam que é muito comum se fazer tudo próximo ao chão, coisas como cortar legumes e fazer uma comida. A partir desse chamado corporal para o chão, tenho procurado experimentar mais esse lugar.

Escrevo do chão.

E aqui lhes convindo ao chão.

Talvez, ao longo de toda nossa história, estejamos cada vez mais nos afastando do chão e concretando tudo, como no caso das águas que já quase não podem penetrar e irrigar o solo. Se afastar do chão, não deixa de ser também um modo de se afastar das águas, dessas que brotam do solo. Concretar o solo é se desfazer de um chão, um chão fértil e cheio de vida.

Aqui debaixo de onde escrevo tenho o desejo de fazer com que a escrita e a criação se confluem, nada é sozinho, nada se faz sozinho. Assim como o encontro do rio com o mar, emerge o encontro da pesquisa com a prática, do pensamento com a criação. É pesquisa e criação ao mesmo tempo. Já não se sabe mais o que é mar e o que é rio. Tudo é água. É um encontro.

Essa tarefa não é simples. Ela se apresenta com a complexidade de se concatenar diferentes formas, intensidades, temperaturas e texturas, no caso: a escrita, a fala, o gesto e o pensamento. A escrita também é fala e é preciso lembrar disso também aos que não escrevem.

Enquanto deposito essas palavras no computador, a gata preta com quem convivo, a Baguncinha ajuda na escrita. Ela passa com seu corpo lânguido no teclado, assim como alguém que desfila sobre um tapete vermelho: neiudcnnuhvugvbjbj hvhvgvcvyuhbnibubjbnjninknknmk hhhhhhhhhhhheo dmnxwu dudbdue737n38dh383nudndksmsk nfh bhfejvwjwbjwbjwbj.

A escrita é gesto e dança. Lembro-me de ler que a Pina Bausch¹³ pensava a pergunta en-

¹² maldecorre%20de%20maus%20h%C3%A1bitos%20posturais. Acesso em 22/05/23.

¹³ <https://www.instagram.com/cheriethai/>

¹⁴ Philippine Bausch, mais conhecida como Pina Bausch (Solingen, 27 de julho de 1940. Wuppertal, 30 de junho de

quanto incitadora da imaginação e, no seu oposto, a imaginação como incitadora de novas questões. Pina pedia seis movimentos para cada pergunta. Por exemplo: “o que fazes enquanto te sentes atrapalhado?”, “como era a ceia de Natal quando você era criança?”, “o que você faz quando sente ternura por alguém?”. “Era preciso responder a cada uma das perguntas com seis gestos. A tentativa era sempre gerar um desequilíbrio. Quanto mais forte a pergunta, mais imaginativa, maior a capacidade de gerar movimentos distintos. O que está em jogo é determinante: uma utilização da linguagem, uma expressão imaginativa da linguagem será aquela que obtém bons movimentos, uma boa imaginação corporal¹⁴. Da linguagem que se desdobra em outras linguagens. E afinal, tudo aqui é linguagem: corpo, gesto, encontro, subjetividade, escrita.

Então, é preciso se lembrar que ninguém faz nada sozinho. Eu não escrevo sozinha. Você que me lê nunca é sozinho, mesmo que você olhe ao redor e não veja ninguém. É possível que junto a você bactérias se movimentam de acordo com tal página; que um fio de cabelo caia, exatamente, enquanto você lê essa frase. Formigas se comunicam no chão bem perto dessas palavras, uma mosquinha pode ter pousado na página.

Escrever é uma solidão povoada por encontros. Por aqui há também outros encontros, há um conjunto de forças atuantes. De repente, escuto (enquanto escrevo) uma conversinha de portão entre um adulto e uma criança que passam na rua: -Esse chão é quentinho? pergunta a criança, - Só deitando para saber, ele responde. Escuto também o relógio que insiste em avisar que está vivo e conta os meus segundos, o bate estaca construindo prédios e atrapalhando a construção de textos. Nesse momento, me lembro das escutas da minha casa, no Rio de Janeiro, é comum que eu escute sempre uma mulher chamando o Índio, que é o apelido do vizinho.

Escrever é um gesto que se situa fora do mundo linear, é da ordem de outros tempos que não o tempo cronológico. Ouso dizer que a escrita se sobrepõe ao tempo histórico. Ela ultrapassa esse marcador, não compactua com uma linearidade de acontecimentos, apresenta-se em várias dimensões, ancorando-se numa temporalidade espiralar.

2009), foi uma coreógrafa, dançarina, pedagoga de dança e diretora de balé alemã. Conhecida principalmente por contar histórias enquanto dança, suas coreografias eram baseadas nas experiências de vida dos bailarinos e feitas conjuntamente. Várias delas são relacionadas a cidades de todo o mundo, já que a coreógrafa retirava de suas turnês ideias para seu trabalho. Entre os seus temas recorrentes estavam as interações entre masculino e feminino. Foi diretora da Tanztheater Wuppertal Pina Bausch, localizada em Wuppertal. A companhia tem um grande repertório de peças originais e viaja regularmente por vários países

¹⁴ Tavares, Gonçalo M. Atlas do corpo e da imaginação. Editora dublinese. 2021

Aqui, a escrita é da ordem do desconhecido, uma vez que antes de escrever não sabemos nada acerca do que vem pela frente. Marguerite Duras escreve que “há uma loucura da escrita que existe em si mesma, uma furiosa loucura da escrita, mas não é por isso que ficamos loucos. Ao contrário”.¹⁵

Escrever pode ser também uma busca em conviver com fraturas, conviver com algo que está quebrado para além do inacabado. A escrita pode ser o ato de se sentar na companhia de uma ferida aberta, já o texto pode ser a própria ferida pedindo cuidado. O ato de riscar as páginas é capaz de criar camadas na pele ferida, como nos lembra bell hooks¹⁶: “A linguagem é também um lugar de luta. O oprimido luta na linguagem para recuperar a si mesmo – para reescrever, reconciliar, renovar. Nossas palavras não são sem sentido. Elas são uma ação – uma resistência. A linguagem é também um lugar de luta.”¹⁷. Em outras palavras, escrever é poder criar mundos para depois e se for necessário também poder quebrá-los.

Escrever é um mergulho que faz forças emergirem, junto traz indagações, sensações, emoções. Por exemplo, este é um texto que escorre, escorre do meu corpo, assim como a baba que escorre pelas bocas.

Escrever é uma prática errante que pode nos levar a naufragar, mas antes que eu me esqueça: até um naufrágio pode nos levar a criar outros territórios. Um naufrágio pode ocupar, uma posição de deslocamento. O que se espera é construir um lugar de deslocamento na escrita desse texto.

Depois de mergulhar, já não temos mais o controle do que irá suceder. Se eu fechar os olhos, vejo a escrita como um caminho, como quando se caminha na praia sem saber o que se vai encontrar, poder se distrair, derivar e encontrar conchas, cascas, pele de bichos, patas, gravetos, os pequenos tesouros da praia. Escrever é deixar os rastros na areia.

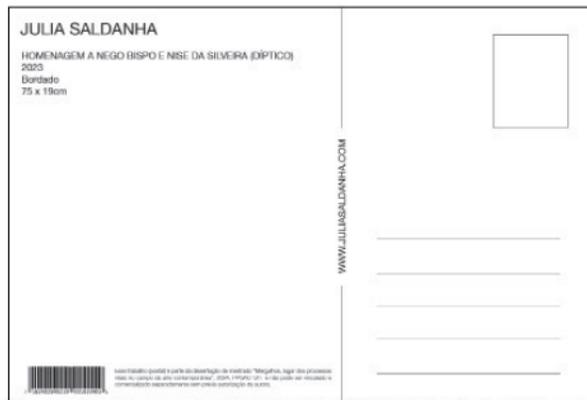
É o próprio mergulho.

O imprevisível, que está posto.

Um pequeno acontecimento.

15 Duras, Marguerite. Escrever. Trad. Luciene Guimaraes de Oliveira. Ed. Relicário. 1ª edição [primavera de 2022].
16 “A bisavó de Gloria Jean Watkins se chamava Bell Hooks. Nascida em 1952 na cidade de Hopkinsville, no segregado estado de Kentucky e filha de Rosa Bell, uma empregada doméstica e de Veodis Watkins, um zelador. Gloria saiu de casa para estudar na Universidade de Stanford onde se formou bacharel em língua inglesa. Posteriormente, fez seu doutorado em literatura pela Universidade da Califórnia para, em seguida, escrever mais de 30 obras assinando com seu pseudônimo, inspirado no nome de sua bisavó, a verdadeira “Bell Hooks”. Sua escrita abrangeu poesia, ensaios, críticas de arte, cinema e livros infantis, examinando a intersecção de raça, política e gênero, e assim tornando-se uma das feministas negras mais influentes do último meio século”. Trecho retirado do site Geledes. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/bell-hooks-o-legado-da-maior-pensadora-do-feminismo-do-seculo-21/>. Acesso em 30/05/23.

17 HOOKS, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo, Elefante, 2019.



Um mar de mil folhas _ Fazer a raiva não caber no corpo, caber no texto

Muita,
raiva, raiva, raiva.
Quem vai te ouvir? não te ouço.
Meu corpo te ouve. Meu corpo diz não.
paro de olhar para você.
Volto a mim.

Água.

Agradecer às águas do corpo.
Isso já é o corpo água.
Corpo que escorre porque não dá conta.

Dar conta de uma certa configuração
de mundo.

Isso eu já conheço e Isso eu não quero.

A água transborda enquanto a linha enlaça.
A água limpa e a linha no tecido fortalece.

BORDAR O TRANSBORDAR

transmutar

Eu sussurro: Quero fazer a escrita poética da água, mesmo sem saber ainda o que é isso.

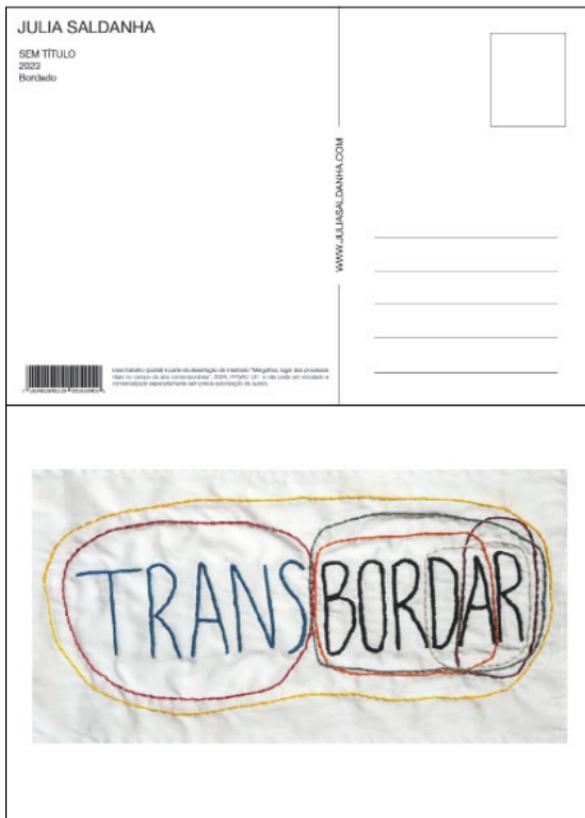
Meu corpo é quem ensina,
a água ensina.

A raiva existe e está aí.
Uma lágrima que sai, cai. Lágrimas que caem, saem...

Há o desejo de que ela não seja vista. Por mim, por todos, por você.

Mas a água inundou o espaço e você tentou se salvar, boiou. A água mudou o seu pensamento (e não moldou), fez você voltar atrás, se ver, se rever. Reaver.
A água inundou a estante de todos os livros citados por você, citação atrás de citação, página por página e te provocou: Vou ter que repensar a minha vida inteira.
É, vai. - Respondeu a água.¹⁸

¹⁸ Esse texto foi escrito durante um encontro individual no G>E em dezembro de 2022.



Me aproximei da escrita escrevendo textos como este na cor azul acima. Este tipo de texto pode ser chamado de texto baba¹⁹ a partir do conceito criado pela pensadora e psicanalista Suely Rolnik²⁰. Escrevi esse texto em um dos encontros propostos pela artista e co-orientadora deste trabalho Karlla Giroto²¹. Desde 2018, faço acompanhamentos individuais semanais com a artista dentro do grupo G>E, o grupo maior que eu. Este grupo existe desde de 2013 e já existiu em diversos formatos e formas, é um núcleo de estudos e pesquisas muito potente, tem a coordenação, ou melhor, a condução da Karlla. Estamos todos baseados no desejo de construir um ambiente de experimentação a fim de desmantelar narrativas hegemônicas e produzir subjetividades político-estéticas. Nos encontros as investigações se manifestam através da política da imaginação. A palavra política diz respeito ao questionamento sobre como organizar recursos, práticas, espaços e a vida partilhada; A imaginação fala do objetivo de formar ideias e fabricar mundos, procurando os meios necessários para manter as potências de criação vivas e buscando posições ativas para estabelecer essas forças no mundo. Territórios e subjetividades são construídos numa dinâmica completamente aberta e viva, que une o trabalho individual de cada participante e o cotidiano dos grupos. As discussões são efeitos em movimentos de leituras, sobretudo provenientes do sul global e feministas, ou de situações políticas e cotidianas e conteúdos web. O grupo se identifica com a potência disruptiva da arte e da vida não hegemônica, e acredita na coletivização das experiências como estratégia para geração de liberdade e autonomia. São espaços construídos para elaboração das práticas artísticas e de pensamento crítico nos contextos relacionados à criação. Um dos maiores trabalhos feitos pelo G>E é o fortalecimento e reconhecimento do que se vem antes da criação, uma materialidade sutil que lida com a potência da vida de forma integral. É um espaço que permite transbordamentos pois lida com as matérias da vida, as subjetividades e as imagens que são criadas, produzidas e vivenciadas. Mesmo esse sendo um trabalho que realizei a quase 5 anos, ainda é difícil de explicar e torná-lo palpável, mas isso também é sobre o próprio trabalho do grupo.

19 <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2016/07/23/suely-rolnik-e-o-texto-baba/>

20 Suely Rolnik Possui graduação pela Sorbonne em Sociologia, com sub-dominante em Linguística (Paris 8, 1973), em Filosofia, com sub-dominante em Estudos Ibéricos e Latino-americanos (Paris 8, 1973) e em Ciências Humanas Clínicas (Paris 7, 1975), na qual também obteve os diplomas de mestrado em Psicologia (1977) e de Estudos Superiores Especializados em Psicologia Clínica (doutorado profissional; 1978). Doutorou-se em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1987). É Professora Titular da PUC-SP (onde lecionava desde 1979, tendo fundado o Núcleo de Estudos da Subjetividade no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica) e Professora convidada do Mestrado Interdisciplinar em Teatro e Artes Vivas da Universidade Nacional da Colômbia (desde 2013). 21 Karlla Giroto (São Paulo, Brasil, 1976) é artista, professora, pesquisadora e escritora. Sua prática artística tem sido marcada por uma pluralidade de ações e efeitos, como performance, texto, objeto, instalação, vídeo e fotografia, e em especial pela criação e a abertura de processos de experimentação e produção.

Retornando ao texto baba, nas próprias palavras da Suely Rolnik: "A palavra texto baba nasceu para dar conta de alguma coisa que estávamos querendo produzir e estávamos produzindo, mas mais do que o que estamos querendo produzir, é um lugar desde o qual a gente pensa. E a palavra baba veio, porque uma vez conversando com Pierre Fédida, analista da Lygia Clark, e mais do que isso, um psicanalista muito interessante porque se ligava muito na questão dos afetos do corpo, e ele disse: 'as palavras são excreções do corpo, elas são baba. Aos poucos elas vão encontrando a roupinha com as quais elas vão se apresentar?'²². Em outras palavras, o texto baba existe para dar conta de uma inquietação, para aproximar algo que escapa. É muito mais sobre os afectos e uma sensação do que sobre a racionalidade. Por isso, ele ocupa uma forma atemporal e onírica muito próxima a uma relação com os sonhos. É um texto mais solto e livre, que se preocupa em colocar mais a sensação do afetamento com o mundo do que racionalizar e explicar algo, é um texto curto pois é um exercício que nos leva a entrar em contato com aquilo que realmente precisa ser dito.

Trago esses textos pela importância que eles têm em relação ao meu processo de escrita, como exercícios que me ajudaram a dar conta de atravessamentos ao longo da pesquisa e da própria escrita, gesto esse que até então não havia ainda se tornado diário para mim. Os textos baba têm tido grande importância no meu processo de fortalecimento da escrita, e se dão como uma cartografia de palavras, onde eu gostaria também de chamar um mergulho no texto²³ - mergulhar na própria baba é mergulhar nas profundezas subjetivas de si. É uma experiência de tentar trazer para perto das palavras o que é da ordem do indizível, retirando uma análise crítica e dando um corpo para que o desejo entre em ação. Muito mais do que um texto pronto ou que dê conta de uma escrita com sentido, eu reforço a importância do desenvolvimento do processo de escrita e nos processos de criação de subjetividade como elaboração de experiências e no intuito de dar contornos a vivências, deixando coisas para trás e podendo me debruçar sobre outras. Fazer escolhas, mergulhos. Aqui optei em deixar uma escrita, dita, acadêmica, para trás, como um pano de fundo, no caso, como algo que existe, mas não como um guia ou algo que norteasse minhas escolhas. Abri mão, na maioria das vezes, conscientemente e corporalmente de algumas regras, optei por fazê-lo para que o trabalho e o corpo (e o corpo do trabalho) não se subordinassem a uma lógica já pré estabelecida.

22 Suely Rolnik e o texto baba, parte de transcrição do vídeo: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2016/07/23/suely-rolnik-e-o-texto-baba/> Acesso em 04/05/2023.

23 Aqui também faço uma referência ao meu próprio trabalho "Hidro-contra-bólide, homenagem a Hélio o gás mais leve" 2022, uma piscina com inscrição de letras onde se lê "mergulho do texto" numa tipografia semelhante a usada por Hélio Oiticica em Bólide caixa 22, 1967

É certo que nem a linguagem nem as imagens dão conta de tudo, mas por meio delas podemos nos aproximar daquilo que ainda não tem um corpo, aquela coisa ainda em produção, um lodo em estado semi aquoso, um germe de mundo²⁴, esse lugar que precede a imagem, o discurso, o lugar nascente da criação.

Essas escritas de texto baba nos ajudam a fortalecer uma voz própria interior, um tipo de voz que é deslocado para o papel é capaz de criar uma linguagem própria. Como a própria Suely diz “depois vamos dando forma, elaborando e afinando essa escrita, mas o interessante é que ela produz linguagem, é de alguma forma um modo de se escutar e escutar a própria voz, algo que vem de um fundo do corpo e se traz à superfície, se torna primeiro excreção e depois palavra.”

Primeiro excreção e depois palavra.

A baba nada mais é do que uma saliva abundante que escorre pela boca, uma secreção pegajosa produzida pela boca de certos animais. Um texto baba poderia se tornar, portanto, um texto aquoso, aguado, molhado, pegajoso. Aqui desejo aproximar o pensamento de Suely ao meu e fazer ressonâncias. Produzir baba não é só um trabalho realizado pelo corpo fisiológico de determinados animais, como também é a gosma que vegetais e plantas específicas produzem, como o quiabo e a babosa. A baba é da ordem de produção daquilo que é e está vivo. “As palavras são vivas, são excreções do corpo, mas de qual corpo? um corpo que é capaz de ser afetado pelo corpo vivo do mundo.”²⁵ Se formos um tanto atrás lembraremos dos bebês, o bebê além de levar tudo a boca para conhecer o mundo, ele baba. Todos nós babamos. Nós falamos, já os bebês balbuciam ... e... babam, são seres prestes a conquistar o domínio e a engenhosidade da fala.

²⁴ Rolnik Suely.

²⁵ Suely Rolnik e o texto baba, parte de transcrição do vídeo: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2016/07/23/suely-rolnik-e-o-texto-baba/>. Acesso em 04/05/2023.

O QUE SE PASSA ENTRE

Ir ao encontro dos mergulhos

Estou à procura de algo. Algo que está entre coisas que não conheço e coisas que desconheço. Busco um texto, um texto que escorre pelas minhas mãos. Texto esse que se move e não se pode controlar, texto fluido. Matéria incontrolável. Assim como a vida.

A vida: está entre o nascimento e a morte. Entre.

A nossa vida começa na água.

Todo corpo está mergulhado em algum lugar. Onde estou mergulhada agora?

Mergulho. Mergulho para encontrar um campo de forças, uma vida que pulsa, agita e se penetra em lugares e espaços.

O mergulho não possui forma definida, o mergulho cria formas.

Emerge. Campo de forças vital para a saúde de um corpo frágil. Na fragilidade como uma potência. Um corpo que se curvou até aqui e que agora não se curva mais. A água cura, você sabia que a água cura? Porque dela se faz o corpo movimento. É capaz de fazer fluir, romper, confluir, estagnar, estancar, bifurcar, fragmentar, esquentar, vibrar, ebulir.

Esse trabalho busca dar conta de processos criativos e criação de subjetividades, existe enquanto se acontece, na vida e como a vida, atenta a passagens dos estados, das substâncias e das atmosferas. Atenta às palavras. Cuidadosamente. Sem deixar escapar delicadezas e detalhes.

Vale dizer que esta pesquisa, é uma travessia, e como toda travessia é constituída de coisas e etapas: tempos, espaços, encontros, pausas, mares revoltos e imensidões, derivas, contornos e por aí vai.

Tenho um apreço por entender onde, quando, como e por que as coisas começam. Onde começa a nossa história? Quando começamos um trabalho? Por que encontramos algumas pessoas durante a nossa existência? Como mostrar e falar sobre coisas invisíveis?

É difícil elaborar quando esse trabalho começa e quando ele se encerra.. Sempre fui artista,

digo isso como uma maneira de afirmação, de honrar a minha criança criadora. A todas as crianças criadoras. E sendo artista, desejo que esse trabalho não se encerre ao final de suas páginas. Gostaria que este trabalho continue acontecendo, babando, vazando e criando espaços.

Esta pesquisa começou em Ubatuba, local onde passei (quase) todas as férias escolares da infância. Lá sempre fui cheia de amigos criadores, habitei uma rua repleta de amigos vindos de várias cidades do Vale do Paraíba e as capitais São Paulo e Rio de Janeiro. Apenas depois de um longo tempo, compreendo que tínhamos um coletivo. Se o nosso coletivo pudesse ter um nome ele iria se chamar férias. COLETIVO FÉRIAS: nosso ateliê era a praia, ruas, quintais, edículas, quiosques, vielas sem saída, as cozinhas e por aí vai.

Foi no momento pandêmico de isolamento²⁶ que passei a mergulhar na imensidão da água, no mar e no rio, no Rio Indaiá, este que desemboca na Baía de Ubatuba, Oceano Atlântico.

Em 2020, tive uma pausa forçada com trabalhos na área de cinema (como assistente de direção de arte, produtora de objeto, cenógrafa, assistente de cenografia, designer, bom...eu rodava e ainda rodo (cada vez menos) por todas as funções que aparecem dentro do departamento de arte) e comecei a firmar meu território como artista fora do audiovisual.

Ubatuba se apresentou para mim como um portal, já que me vi dentro de uma pandemia num lugar privilegiado, eu estava com todas as mulheres da minha família materna numa cidade de praia. No dia 13 de março de 2020, eu viajava a Ubatuba de ônibus e sem máscara, a princípio era uma visita a minha avó Alzira, já fazia uns bons anos que não voltava a essa casa da infância. Depois que comecei a crescer os amigos foram indo embora, casaram-se ou tiveram filhos, percebo que nosso coletivo se dissolveu, mas eu ainda estou aqui para fazer das ruas, vielas, praias e quintais o "nosso"²⁷ ("meu") "ateliê".

Tem algo da ordem do mistério que perpassa meu corpo e me faz dizer que foi meu avô quem juntou as mulheres de uma de suas famílias aqui. Éramos as seis, sendo eu a mais nova e minha avó a mais velha. A casa já estava aqui há mais de cinquenta anos. Ela foi presente do meu avô à minha avó, já que quando ele morresse todos seus bens seriam divididos em diferentes porcentagens a duas famílias, duas mulheres e muitos filhos. Meu avô era médico, antes de

26 Mais infos no site da Organização Pan-americana de saúde: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>

27 As palavras "nosso", "meu" e ateliê estão entre parênteses e aqui cito a artista e professora Eleonora Fábiano: "Eu não vou nem dizer que meu ateliê é a rua porque a rua é a rua."

virar o nome da rua Paulo Ribeiro da Luz, que fica localizada na Vila Gomes em São Paulo, ele trabalhava para o governo e viveu a gripe espanhola com seus 17 anos de idade. Ele sim já sabia o que era uma crise sanitária em 2020, mas nós ainda não.

Após o vírus ser encontrado em grandes países como a China e (em seguida) em países europeus, tudo que entendíamos por ser mundo foi afetado. Por exemplo, o encontro estava proibido, já que em qualquer contato entre duas pessoas havia um alto risco de contaminação por um vírus até então completamente desconhecido. Além disso, estávamos passando por um governo fascista (e negacionista), no qual o presidente, eu não gostaria de citar o nome.²⁸ Já que este não merece ter seu nome presente, já que ainda deixa rastros e movimentações e todo cuidado é pouco para que ele não ressurja na história do país.

Nesse contexto negacionista, interrompi minha produção de filmes na indústria do audiovisual. Este ambiente é amplamente dominado por uma ordem colonial, capitalista e falocêntrica²⁹. Na minha percepção, as práticas nesse meio contradizem a vitalidade do corpo. Essa conclusão é resultado da minha experiência pessoal e de conversas com diversos amigos, colegas e profissionais do setor. Também levo em conta aqui, que apesar de ser uma indústria com benefícios e regulamentações, não deixa de ser uma indústria como qualquer outra, trabalha dentro da lógica e a serviço do capital, visando o lucro de grandes produtoras, canais de televisão, streamings e marcas. Todos esses, em sua maioria, detentores de muito capital. Dentro desse cenário, é preciso que os trabalhadores durmam mal, alimentem-se mal, vivam à base de estresse e sob pressão e, mesmo assim, identifiquem-se como produtores da sétima arte. A pandemia criou uma espécie de câmera lenta nos três primeiros meses. Todos os compromissos foram desmarcados, não havia mais nenhuma urgência que não fosse a de sobreviver e de nos mantermos vivos e em distanciamento social. Um silêncio se instaurou nas ruas e avenidas e por todos os cantos. Com tantos silêncios era possível ouvir os pássaros, os bichos todos ao redor e meu próprio corpo. O corpo parece que já vinha a tempos pedindo parada, pedindo respiros.

A pandemia acelerou muitos processos. O neoliberalismo encontrou caminhos para colocar suas ordens em prática, os mais ricos ficaram ainda mais ricos³⁰ enquanto pessoas disputavam

28 O presidente do Brasil em 2020 era Jair Messias Bolsonaro.

29 Rolnik, Suely, *Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. Ed. N-1. São Paulo, 2018.

30 <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/11/entenda-como-os-ricos-ficaram-mais-ricos-na-pandemia.shtml>

por restos de ossos em caminhões em frente ao mercado³¹. Foram cenas aterrorizantes, além desses muitos acontecimentos políticos, o boletim de óbitos diário avançava a cada dia, o negacionismo fez encarmos de frente a televisão cenas de horror a luz do dia.

Falar e lembrar de determinados acontecimentos dessa época, coloca meu corpo num estado de embrulho e enjôo. Parece trazer para perto o trauma individual e coletivo. É como se arremessasse meu corpo de encontro a uma parede. Dor, muita dor. Respiro fundo e percebo que é preciso falar, não para expor a ferida, e sim para cuidá-la..

Hoje, escrevo ainda de Ubatuba, foram muitas idas e vindas desde o início da pandemia, está sendo, aqui acabou por se tornar um ambiente de mergulhos, e são muitos os mergulhos poéticos, práticos e metafóricos. Mergulho no corpo. Mergulho no atêlie, mergulho no meu corpo, mergulhos na praia, mergulhos no quintal, mergulhos na intuição, mergulhos nas pequenices: as conchas, patas de caranguejos, ossos de bichos, mandíbulas, mergulhos nos buracos, mergulho nas linhas, mergulho no rio, mergulhos na paisagem, mergulho no descanso, mergulho em livros, mergulho em palavras, mergulho nos azuis da casa, mergulho na infância, mergulho nas idéias, mergulho nas aulas, mergulho na pedra, mergulho na areia, mergulho na escrita da areia, mergulho em conversas imaginárias com a minha gata, mergulho no sofá, mergulho na ancestralidade, mergulho em conversas imaginárias com meu avô, abraços de areia, mergulho nos caranguejos, nos urubus, mergulho no crescimento das plantas, mergulho no jardim, mergulho no caisão³² e encontro algumas tartarugas, mergulho nos tecidos, mergulho nas histórias da minha vó, mergulho no óleo de coco, no chá de alecrim, mergulho nos sonhos, sonho que mergulho, lembro de você querendo saber por onde te mergulhando, te agradeço o mergulho, te agradeço com um mergulho, mergulho no bife a milanesa, mergulho na cidade, mergulho na piscina do monumento, mergulho com tinta vermelha, mergulho nos encontros, mergulho no ócio, mergulho na dança, mergulho na exposição, a individual para pessoas invisíveis, mergulho num outro mundo, mergulho em conversas com a vizinha, mergulhamos juntas na vizinhança, nas ruas e nas histórias que ela inventa e mergulha de cabeça, mergulho nas performances, mergulho em plantar e cuidar da muda que você me trouxe, mergulho em rememorar a casa da minha infância, mergulho com você, mergulho de óculos, mergulho na piscinal do quintal e me recordo que o quintal não tem piscina, mergulho com o primeiro amor, mergulho dentro do mergulho, mergulho para fugir de um amor,

31 <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/09/caminhao-de-ossos-no-rio-e-disputado-por-populacao-com-fome.shtml>

32 Cais do porto, aqui conhecido por todos como caisão. Construído em 1940. <https://www.curiosidadesdeubatuba.com.br/caisao/>

mergulho em janelas de zoom, mergulho na cadeira da minha vó e assim como ela passo a mergulhar no quintal, mergulho no meu chão de criança, mergulho no sorvete, mergulho na terra, mergulho com bordados no mar, mergulho nas piscinas todas de ubatuba, mergulho numa ansiedade danada e mesmo sem querer mergulhar, mergulho e depois subo na canoa, mergulho num tapete voador mágico, ofereço um mergulho a Jota Mombaça³³ e dias depois ofereço mergulhos a alguns amigos, mergulho na minha própria viagem, mergulho naquela playlist, trago você para mergulhar comigo e depois te mando embora, mergulho na chuva, mergulho nas palavras, mergulho nas frases, mergulho na canga, mergulho em observar minha avó ao despertar ainda de camisola, mergulho no nascer do sol, mergulho para não te beijar, mergulhei no tarot, mergulhei em conversas sobre a dissertação, mergulhei em brincar de mergulhar, mergulhei na sala de aula com as amigas da infância, mergulhei no mercadinho do zé, mergulhei em magia e bruxaria, mergulhei em memes, mergulhei sem nem mesmo mergulhar, mergulhei num romance, mergulhei com minha prima mais velha, mergulhei e quis mergulhar mais, mergulhei no rio, mergulhei e chorei, mergulhei sem querer, mergulhei numa piscina que eu mesma inventei, mergulhei na rede, mergulhei em tecidos, mergulhei no canto do rio e no canto das sereias, mergulhei em silêncios e no meu silêncio, tive fôlego para mergulhar, mergulhei em piscinas rasas e profundas, mergulhei no seu soninho, mergulhei no esconde esconde, mergulhei no trabalho, mergulhei sozinha com uma praia inteira só pra mim, fui tirada de um mergulho pela GCM³⁴, mergulhei nas histórias da minha tia, mergulhei no G>E, mergulhei no cheiro do bolo e depois comi ele todo, mergulhei nas fotos e vídeos de criança, vi crianças mergulharem, fiz dos meus olhos lacrimejando um mergulho, mergulhei no meu tronco, mergulhei na alegria das pessoas, mas também pude mergulhar no medo, mergulhei nas cores, mergulhei em palavras, mergulhei naquela pedra, mergulhei em espaços vazios, mergulhei sentada, mergulhei nos muros, peguei mais fôlego para conseguir mergulhar, mergulhei na saudade, mergulhei em troncos de árvores, mergulhei em abraços, vi você mergulhar, mergulhei para ter fôlego, mergulhei para fugir, mergulhei em bordados, mergulhei no fogo, mergulhei e fui até o fundo, inventei novos mergulhos, mergulho do corpo, mergulho do texto, mergulho no seu texto, mergulho pelo telefone, mergulhei em brasa, mergulhei dormindo e acordei mergulhada, mergulho sem querer sem interrompida, mergulho com seu texto, me afogo, te chamo para um mergulho, mergulho sem corpo, me recuso a ir mergulhar com você, mergulho nas páginas, mergulho nas minhas próprias lágrimas, mer-

33 Jota Mombaça nasceu em Natal, em 1991, e vive e trabalha entre Fortaleza, Lisboa e Berlim. Através da performance, da ficção visionária e de estratégias situacionais de produção, pretende-se ensaiar o fim do mundo, tal como o conhecemos, e a figuração do que virá depois que destituirmos a pauta do colonialismo moderno de seu pódio. Em 2020 concluiu uma residência artística na prestigiosa Pernod Ricard Fellowship, em Paris e realizou o filme *O que não tem espaço está em todo lugar*, a convite do Instituto Moreira Salles.

34 GCM, Guarda Civil Municipal.

gulhei para sanar a ansiedade, mergulho ao nascer do sol, mergulho em todas as superfícies possíveis, engulo água num mergulho, mergulho na minha baba e mergulho para não ver você babar, mergulho de roupa mesmo, fico imersa num mergulho, tento levar você para mergulhar comigo, fico imensa num mergulho, meu maxilar me convida a mergulhar, mergulho nas nossas conversas, mergulho para poder dançar com você, mergulho sem mergulhar de fato, mergulho na umidade do ar e respiro de dentro de um mergulho,

Volto à página,

como quem volta de um mergulho,

Recentemente aprendi que o nome de Ubatuba vem do Tupi Guarani, na qual Ubá é uma árvore muito grande que já não existe mais e com ela os povos originários da cidade faziam suas canoas para navegar. Já Tuba significa “muitas”, muitas ubás.

[Assisto na televisão a Organização Mundial da Saúde declarar o fim da pandemia. Já no novo governo atual do Partido dos Trabalhadores, a Ministra da saúde Nisia Trindade³⁵ Faz um pronunciamento ao vivo em rede nacional.](#)

Falar de Ubatuba para além de toda paisagem, de toda a história que a cidade carrega nesse momento, é falar de força subjetiva, sobre construtividade subjetiva e seus espaços, sobre forças germinativas e processos vitais. É uma paisagem que não pode ser medida, mapeada, teve que ser vivida. Assim como a força subjetiva, não há linha ou régua capaz de medir essas intensidades e que elas não sejam atraídas e cooptadas por esses sistemas métricos de contagem. Não há valores como sucesso, poder e grana que deem conta de tais experiências. É um espaço que se aproxima mais ao fundo do mar, do que a sua superfície. Eu me pego pensando se meu avô sabia que Ubatuba é um território indígena quando chegou aqui lá em meados dos anos 50. Onde estavam os aldeamentos quando ele chegou? Ubatuba é ancestral. A terra que treme agora por conta dos bate-estacas de construções a cada quarteirão e é a mesma terra que tremeu a quinhentos anos atrás.

Vi a Rua Rio Claro³⁶ ser asfaltada, lembro-me do meu frisson, dos meus primos e das outras crianças ao ver o progresso chegando. Ao mesmo tempo que nossa rua se tornava importante também sentia a tristeza da falta que o chão de barro fazia para o coletivo Férias³⁷. Acho que

35 Nisia Verônica Trindade Lima é uma cientista social, socióloga, pesquisadora e professora universitária brasileira, atual ministra da Saúde do Brasil no governo Lula. Foi presidente da Fundação Oswaldo Cruz entre 2017 e 2022.

36 Rua Rio Claro, Perequê Açu, Ubatuba, São Paulo

37 Aqui refiro-me ao coletivo citado anteriormente

esse era um aviso: se a gente não cuidar das nossas terras, que são as terras do corpo, o asfalto vem com tudo!

Hoje sinto que ainda estou “no férias”, não “de férias”, pois é onde está abrigado meu ateliê, e local onde realizei grande parte dos meus trabalhos³⁸, grande parte da pesquisa, das leituras e da escrita deste trabalho. Dediquei uma diária, longa pesquisa de campo, caminhadas matinais ao nascer do sol até o fim da praia do Perequê-Açu, que é o início da praia da Barra Seca passando sempre pelo encontro do rio com o mar. É quase possível dizer que fiz morada nesse lugar porque todos os dias observava, sentia e registrava os fluxos das marés e esses encontros de águas. Tornei-me “um corpo que se abre às forças da vida e que agita a matéria do mundo e as absorve como sensações, a fim de que estas por sua vez nutram e redesenhe sua tessitura própria, observei as bordas do rio sempre em mudança assim como redesenhei minhas superfícies. Saber do mundo, nesse caso, é colocar-se à escuta desta re-verberação corporal, impregnar-se de suas silenciosas forças, misturar-se com elas e, nesta fusão, reinventar um mundo e a si mesma, tornar-se outra. “Plano de conhecimento onde corpo e paisagem se formam e reformam ao sabor de movimento de uma conversa sem fim”³⁹. Como corporificar essas forças? Ouvir o encontro dessas águas era também uma forma de me ouvir, de ouvir os fluxos do corpo. Ali criava-se uma dobra de espaço tempo. Um espaço entre. Um fora absoluto. Eu me arrisco a dizer, que um encontro de águas jamais será capaz de criar um clichê, algo que já está dado, uma redundância. Parece ser sempre da ordem do acontecimento onde a calma se instala.

Durante os períodos em que permaneci constantemente em Ubatuba - nos primeiros quatro meses da pandemia em 2020, nos quase três meses que precederam minha qualificação e nos seis meses subsequentes em 2023 - agora percebo que estava vivenciando uma extensa experiência corporal. Chamei, primeiramente, esses períodos de Auto Residência Ubatuba e em seguida passei a chamar de Retiro-Auto Residência: mergulho do corpo, mergulho no texto, mergulho do texto, mergulho no corpo. Estava com todas as mulheres da minha família materna na primeira vez. Já na segunda vez, estava apenas eu e minha gata. Nesse períodos pude experimentar exercícios que propus a mim mesma, como caminhadas de olhos fechados na praia, caminhada mais devagar possível que eu poderia fazer (exercício que também levei para os alunos no estágio docência), regulei meu sono junto a iluminação natural indo dormir ao

38 Ver no site: www.juliasaldanha.com.

39 Aqui me aproprio de um texto da Suely Rólnik, onde ela escreve sobre os objetos relacionais de Lygia Clark e a estruturação do self.

Rólnik, Suely. Uma terapêutica para tempos desprovidos de poesia.

<https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/terapeutica.pdf>

anoitecer e me levantando pouco antes do sol nascer. Como proposta no G>E fizemos um mês de meditação voltada para a vibração da intuição e desenvolvemos trocas sobre isso. Percebi em torno dessa prática de meditação, algo sutil mas mesmo assim importante e grande no meu processo, eu passei a sentir meu corpo com maior sensibilidade e uma escuta apurada. Parece que mais camadas apareciam em relação ao mundo e as coisas. Em determinado momento, comecei a praticar meditação sobre uma rocha localizada em frente à antiga casa do meu avô, construída em 1950 (a pedra, por sua vez, já estava lá há bastante tempo, embora eu não saiba por quanto). Percebo que essa rocha desempenha um papel significativo no cotidiano do praieiro do Perequê-Açu, frequentemente frequentada por pessoas, seja em cima dela ou ao redor. Eu mesma no primeiro período de Auto-Residência passei a ir diariamente deitar e ouvir a pedra. O que aconteceu foi que, ao meditar em cima da pedra, o tempo passava mais rápido, a meditação se tornava mais tranquila de fazer e assim era possível aumentar o tempo de conexão. Outra percepção, foi a presença de um esquilo que estava muito próximo a mim enquanto fazia a prática meditativa. A princípio achei que estava delirando ao ver um esquilo na praia e então parei para filmá-lo e poder constatar que era real. No dia seguinte, apareceram mais dois. Numa pesquisa rápida e não muito aprofundada fui atrás da representação desse animal de poder para o xamanismo.⁴⁰

- Esquilo: "O pequeno Esquilo se preparou arduamente para a chegada do frio do Inverno. Ele armazenou energia suficiente, mas colheu apenas o necessário, sem acumular pesos que não poderia carregar. Astuto, leve, expansivo, ele nos ensina a preservar a nossa vitalidade para os momentos de real necessidade. O Esquilo representa o planejamento e a perspicácia na construção do caminho.

O Totem do Esquilo traz movimento e agilidade para evitar a estagnação, sem comprometer a calma necessária para planejar os próximos passos. Com o Esquilo, aprendemos que quanto mais nos nutrimos com bons pensamentos e atitudes, maior será o nosso estoque de nutrientes positivos, necessário para os momentos de provação que surgem em nossa caminhada terrena.

Quantas vezes não falamos além do que deveríamos? Ou despendemos energia em pensamentos tóxicos e obsessivos? Ou em julgamentos que apenas nos isolam na ilha do ego? O Esquilo nos ensina a resguardar a nossa energia para aquilo que realmente alimenta o nosso espírito. A cuidar dos nossos bens mais preciosos e saber a hora certa de compartilhar os nossos tesouros.

O Esquilo está sempre aberto às mudanças, pois ele sabe que a mutabilidade é uma lei in-

40 Aqui há um entendimento da complexidade desse campo de conhecimento ancestral e antiquíssimo, o que desejo, com respeito, é me aproximar e criar um vínculo a esse saber, trazendo outras perspectivas e compreensões, ainda que de modo simples, a construção deste trabalho.

delével da Natureza e da realidade universal. Ele não oferece resistência às rajadas de vento que sopram novos caminhos. Antes disso, ele acumulou energia suficiente para fluir alegre e espontaneamente por qualquer situação que se revele no momento presente. Ele não tem dúvidas de que a mudança anuncia os milagres esperados. É tempo de se libertar do medo do novo. De abandonar a ilusão do controle e se abrir para o desconhecido tão rejeitado pelo ego, mas tão familiar ao espírito. Com o Esquilo, cultivamos cuidadosamente o presente para recebermos, tranquilos e radiantes, a colheita da renovação."⁴¹

Essas práticas diárias não eram disciplinadas por mim como algo externo, passou a ser o funcionamento do corpo mesmo. Um corpo que sabe, com uma tecnologia voltada para dentro. Meu corpo criou um ritmo próprio para poder explorar dimensões sutis do aparelho sensorial.

Eu também tinha o hábito de caminhar todas as manhãs ao nascer do sol. Gravava áudios durante essas caminhadas, dentre eles: falas para depois ouvir e escrever aqui na dissertação. Um dia aconteceu que esse registro diário se tornou uma meditação, ao chegar no encontro do mar com o rio. Durante uma longa respiração e escuta, fui me colocando a escutar os pássaros, em seguida, a água. Ali Percebi como um diário passou a se tornar um exercício (sem querer) de auto sensibilização.

Minha escuta foi ampliada, meu corpo queria meditar.

Nesses exercícios individuais percebi um contato maior com o corpo, uma busca à expansão da consciência corporal e um aumento da propriocepção. Cuidar do corpo é cuidar de ser artista no mundo, nesse mundo. Vale lembrar que falo do lugar de artista. Uma artista que pesquisa e se dedica ao corpo, paisagens e subjetividades. Me dedico às imagens (num contexto ampliado): a composição e o manejo delas no mundo, na mesma medida que elas já são o próprio mundo. No ato de compor há os agenciamentos. O artista é um agenciador, um agente no mundo, um agente coletivo, que trabalha para o coletivo.⁴²

Talvez esse retiro-auto-residência, seja o próprio mergulho, ou o mergulho tenha se iniciado a partir do meu encontro com o G>E, ou um pouco antes, ou o mergulho é esse trabalho, o mergulho reflete os encontros que o mestrado me proporcionou, ou um pouco antes, os encontros pandêmicos, não sei. O ponto é que o mergulho aconteceu e foi possível criar ter-

41 <https://xamanismoseteraios.com.br/animaldepoder-esquilo/#:~:text=O%20Esquilo%20nos%20ensina%20a,de%20compartilhar%20os%20nossos%20tesouros.>

42 BASBAUM, Ricardo. Manual do artista-etc / Ricardo Roelaw Basbaum. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Beco do Azougue, 2013.

ritórios a partir dele. O mergulho, na verdade, nada mais é do que um trabalho de uma vida toda. Diante de algo que se apresenta como campo de criação micropolítica, só é possível continuar criando e dando espaço para que as forças se apresentem em suas formas, intensidades, fluxos, espessuras, temperaturas.

Vale dizer que estamos mergulhados e totalmente imersos num regime de inconscientes homogeneizados, um mundo que entre muitas coisas nos faz sequestrado e cindidos de nossas próprias forças vitais, um mundo que nos aparta de diversos saberes e cria categorias que separam tudo em diferentes caixinhas como um modo de reduzir e controlar as potências de tudo que é vivo. Criamos realidades inquestionáveis, que ditas e repetidas por muitas vezes se tornam verdades absolutas, separam comunidades, pessoas e conhecimentos, nos proporcionando uma experiência de despoticização quase que absoluta. Dentro de todo cenário descrito acima, utilizo a palavra cenário para resgatar a ideia de que é um projeto construído e muito bem organizado por diferentes ordens de composição e atuação, é daqui que me vejo e me pergunto como ser artista hoje. Sem nenhuma resposta prévia, meu corpo como que num processo natural deseja fazer um mergulho na pedra, aquela mesma da meditação. E então que percebo que meu corpo mesmo me apresenta as respostas e as linhas de fuga⁴³ possíveis.

A linha de fuga é esta linha que arrasta toda a subjetividade para um campo novo e transfigura no processo, por isso podemos dizer que a linha de fuga não é uma fuga, é muito mais uma linha de subjetivação que faz um mundo fugir, porque leva o conjunto para o lugar novo. Ao se descobrir algo novo, é toda uma subjetividade que passa a ser afetada de maneira diferente. A linha de fuga é uma trilha nova na subjetividade, onde ela vai dar? O que vai acontecer? Claro que não sabemos, só o tempo dirá! Mas ela é a quebra, a rachadura em uma subjetividade fechada, imposta pela nossa sociedade. Deleuze e Guattari não querem tapar as rachaduras na subjetividade, querem percorrer estes caminhos para ver onde eles vão dar.⁴⁴

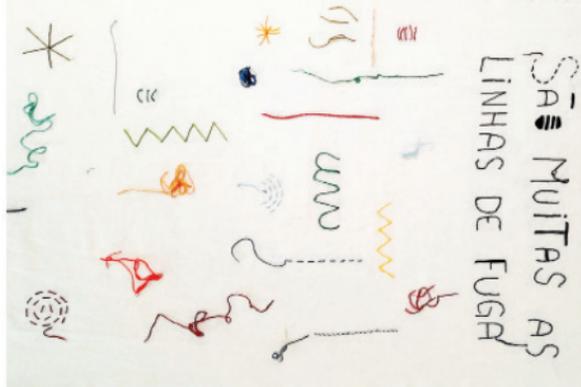
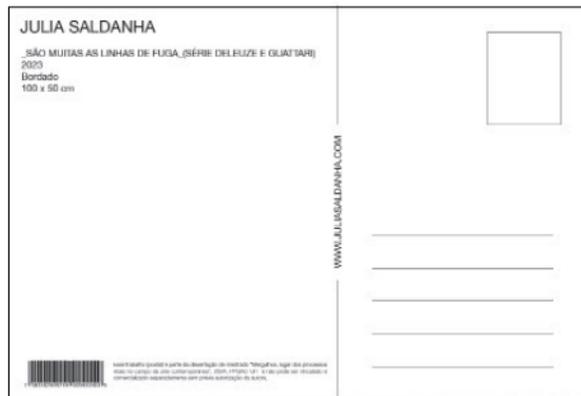
Meu corpo fabula esse mergulho, o momento entre,

entre mergulhos,

momento em que ainda não se é mergulho e nem pedra e sim o porvir desse encontro.

43 Conceito desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari, nos dois volumes da obra Capitalismo e esquizofrenia, Mil platôs.

44 TRINDADE, Rafael. Deleuze e Guattari - Linha de fuga. Razão inadequada. Site imposturas filosoficas. Acesso em 12/01/24. <https://razaoinadequada.com/2021/06/14/deleuze-e-guattari-linha-de-fuga/>.





a meu ver, todos os elementos são fluidos. a própria pedra é fluida (...) é a curta duração da nossa existência que nos faz qualificar como “duro” ou “mole” esse ou aquele material. o tempo desestabiliza esses critérios⁴⁵



“O rio carrega a montanha. O rio é o veículo da montanha. Os golpes, os choques, as mutilações violentas que o rio inflige as rochas maiores, nelas batendo com as pedras menores, a infiltração das águas nos leitos miúdos, nas falhas, destacam pedaços de blocos. Tudo serve para esboçar a forma - fruto de um trabalho contínuo feito de grandes e pequenos choques, de vagarosas passagens de areia, de estilhaços cortantes, da lenta fricção de grandes pressões, de choques surdos. A forma desenha-se e se torna sempre mais aparente. Será que o rio não tem como projeto nos revelar a essência, a qualidade mais pura, a mais secreta, a densidade extrema da cada elemento da pedra? ... Impossível imaginar, impossível trabalhar a pedra segundo um modo diferente desse que o rio usa. O prego, o gradim, a tesoura, o abrasivo, a lixa, estas são as ferramentas do rio. Extrair uma pedra que o rio esculpiu, recuar na história do rio, descobrir o lugar certo da montanha de onde vem a pedra, extrair da montanha um bloco novo, reproduzir exatamente a pedra extraída do rio no novo bloco de pedra, é ser rio. ... Para esculpir a pedra na verdade, tem-se que ser rio.”⁴⁶

45 PENONE G. (1978), citado por DIDI-HUBERMAN, G. Ser cranio:lugar, contato, pensamento, escultura. Belo Horizonte: C/ Arte, 2009, p. 51.

46 IDEM.

O que a pedra tem de humano? O que há de rio em nós? O que é o corpo água? Qual seu nome na sua língua? O que é um encontro? O que é uma exposição? O que é um museu?⁴⁷ O que é um livro? O que é uma pergunta? Para que serve? Você sabia que ABNT não é só para regras acadêmicas?⁴⁸ Como não produzir violência? Por que a gente fica tão presa a nossa rotina e demandas e no fim são coisas que a gente nem quer fazer, por quê, fala pra mim?⁴⁹ Qual a composição de água de uma banana? Qual banana? O que te atrapalha nesse momento? Porque responder a uma pergunta? O que essa pergunta movimentou em você? O que é a filosofia? O que acontece quando temos uma ideia? O que significa construir inteligências artificiais e outras máquinas que seriam mais parecidas com com polvos, com os fungos, com as florestas?⁵⁰ Parar de criar é possível? É necessário? O que queremos dizer com [a palavra] inteligência?⁵¹ Amiga, como é sua rotina? ⁵² É preciso conhecer as imagens e não apenas vê-las, e o que seria isso? O que é coletivo e coletividade? É possível ensinar isso? O que é um livro? Como pode ser um livro? E se a gente se propusesse a esquecer, neste momento, a meta a ser comprida e pensássemos no que queremos produzir/ mostrar/ criar/inventar no dia de hoje?⁵³ Como falar das diferenças sem explicá-las?⁵⁴ Por que fazer um livro? Como criar um corpo potente e vibrátil para ler e decifrar imagens?⁵⁵ É inútil revoltar-se?⁵⁶ Como ser artista hoje? O que eu quero que a arte seja?⁵⁷ Como a universidade (e o mundo) vai dar conta de absorver os excelentes pesquisadores que saem dela?⁵⁸ Como escrever a vida? Como trair a escrita acadêmica? Como encher as palavras de água? Como reencantar a parte viva das palavras? A linguagem está em disputa? Como criar coisas sem formas já pré estabelecidas? Como criar um modo poético para se colocar na pesquisa? Como criar um outro modo de fazer pesquisa? Como criar palavras que babam? O que é a baba?⁵⁹ Porque você não falou em primeira pessoa na sua pesquisa?⁶⁰ Porque as mulheres buscam espaços seguros na universidade?⁶¹ A universidade está pronta para receber uma pluralidade de gestos, pessoas e subjetividades? O que fazer com um paradoxo? Como sustentar

o paradoxo em meu corpo? Não está na hora de nos procurarmos? O que é uma performance? O que é a performance? Como prever um mergulho? Por que se perguntar algo? Isso é uma pergunta? Isto (sim) é um trabalho? O que é o caderninho do vacilo?⁶² O que é um vacilo?⁶³ Por que fazer? Por que não fazer? O que é um trabalho? Por que o cacau tem tanta força?⁶⁴ Quantas respostas pode-se dar a esta pergunta?⁶⁵ Como parar de fazer perguntas? Como ver, ouvir, sentir e reorganizar as águas do mundo? Como anunciar nesse texto uma pergunta? Como as perguntas instauram mundos? Uma pergunta já contém a afirmação em si própria? Onde nos levam às perguntas? Quem é a chefe aqui?⁶⁵ Isso é uma pergunta? Por que você quer aprender a falar português? Por que você está na universidade? Por que você veio morar em Ubatuba? Por que você não disse sim? Você sabe o que está fazendo? O que se passa aqui dentro? Por que não responder a esta pergunta? Como é ser um livro de perguntas?⁶⁶ Como falar na língua dos acontecimentos? O que fazes enquanto te sentes atrapalhado? Como era a ceia de nata quando você era criança? O que você faz quando sente ternura por alguém?⁶⁷ O que é seu trabalho? O que pode seu corpo? O que pede seu corpo? O que define os corpos? Onde o tempo tá?⁶⁸ O artista realizado é aquele que conseguiu realizar seus desejos ou que realizou o desejo dos outros (que o legitimam)?⁶⁹ Existe um destino final quando se caminha na praia?⁷⁰ O que pode uma orientação?⁷¹ Quem orienta quem? Isso mesmo? A conversa não está no campo da linguagem verbal? O corpo é uma forma definida? O corpo é uma forma indefinida? Como fazer do campo da arte um lugar de vida/saudável? como criar corpos com valor e com saúde nos dias atuais? fiz respingar um pouco de água? E se um texto pudesse ser água? quem aprende e quem ensina? Quem é capaz de aprender e quem é capaz de ensinar? A que forças esse monumento presta contas? A que e a quem ele se destina? O que e a quem ele representa? Sobre o que exatamente essas crianças se perguntavam? Me ajuda? Quando um livro acaba? Existe fim? O que uma pergunta pode movimentar num trabalho acadêmico?

NOTAS DE RODAPÉ DAS PERGUNTAS

texto anterior

47. Pergunta feita em voz alta por uma criança na oficina "Jornadas de outubro sem medo". Oficina Inventar perguntas: podemos criar mundos?, com a artista Julia Saldanha. O projeto acontece desde 2016 na EAV_Parque Lage. 2021.
48. Pergunta que ouvi enquanto estava na praia.
49. Pergunta endereçada a mim por uma Marília, amiga e colega artista, feita pelo whatsapp.
50. Bridle, James. Maneiras de ser. Editora Todavia, tradução Daniel Galera, 2023.
51. Idem.
52. Pergunta endereçada a mim por Juliana, uma amiga e colega arquiteta.
53. Pergunta lançada aos alunos artistas do curso gratuito de formação no Parque Lage 2024, onde ministrei uma aula junto a Luana Vieira.
54. Trocas de conversas entre os artistas Rafael Amorim e Rebeca Carapiá, episódio narrado por Rafael em sua banca de defesa de dissertação no PPGAV_UFBA, trabalho intitulado "Caminhos por uma escrita escultórica" que aconteceu 11/12/23.
55. Pergunta retirada da própria dissertação: deste texto, pg.99.
56. FOUCAULT, Michel.
57. Pergunta movida pela artista e professora Eleonora Fabião.
58. Conversas de orientação com Prof. Dr. Ricardo Basbaum
59. Pergunta realizada na Banca Pública de mestrado de uma colega e amiga cineasta em 2023.
60. Pergunta que me fiz a partir da discussão em torno da pergunta acima.
61. Pergunta endereçada a mim sobre um trabalho "caderninho do vacilo", pergunta feita por Poliana na Rede agroecológica caicara de Ubatuba.
62. Pergunta endereçada a mim pelo colega e amigo Marco, e em seguida enderecei essa pergunta à colega e amiga Ana Terra, ambos moradores de Ubatuba.
63. Pergunta que enderecei ao colega e amigo Marco, com quem tive longas conversas sobre a cacau.
64. Pergunta do trabalho - performance de Esther Ferrer "Perguntas e respostas" (perguntas e respostas) realizado em 18 de outubro de 2019 no Centro Atlântico de arte moderna de Las Palmas Gran Canaria. Este trabalho é uma inspiração para a escrita desse texto. Por que você não pode andar? É verdade que o ridículo mata? O que é uma performance? São algumas das perguntas sobre as que Ferrer refletiu na performance, durante 40 minutos, contestando as perguntas que ela mesma foi formulada ou as que o público lançou de forma espontânea.
- A peça é uma variante de suas conhecidas 'Perguntas' ('Perguntas feministas' 1999) com aquelas que pretendem provocar entre o público uma reflexão em torno de conceitos e técnicas gerais como a religião ou as relacionadas com a criação contemporânea.
- Em uma de suas respostas afirma que "fazer performances é o que mais me agrada", mas precisa dizer: "Eu me interesso em trabalhar em espaços públicos abertos onde as pessoas não vêm a me ver, mas que ficam, se interessadas. São situações que nunca se sabe o que vai acontecer".
- A performance, disse, "é uma forma de me colocar em teste mesmo com uma aparência estúpida. Me interessa me colocar em uma situação de igualdade com o público; o interessante é que nunca sabemos o que vai acontecer". Performance de Esther Ferrer em el CAAM. Acesso em 13/12/23.
65. Pergunta feita por Iolanda, aluna da oficina "Seres Mágicos, Seres Híbridos", realizada no parquinho lage na EAV Parque Lage, junto a Fernanda Zerbini em Janeiro de 2024.
66. Pergunta que endereço ao "Livro da perguntas" do Poeta Pablo Neruda e o artista Isidro Ferrer com tradução de Ferreira Gullar, editora Cosac Naify, 2008.
67. Perguntas de Pina Bausch, citadas anteriormente neste texto.
68. Tema/provocação para "Descolônia de férias" do Parquinho Lage, EAV_Parque Lage em julho de 2023.
69. anotações de caderno da própria artista, onde ao lado se lê: conversas com Ricardo (Basbaum)
70. Pergunta endereçada a mim em caixas de correção de texto, feita por Iasmini Nardi, a revisora desse trabalho.
71. Pergunta feita pelo Prof. Dr. Jorge Vasconcelos, numa de suas postagens na rede social instagram. Na foto ele está junto a uma orientanda e na localização se lê: Bar do Serginho Santa Teresa, Rio de Janeiro.

No processo de me movimentar com a minha criança em sintonia e de mãos atadas, percebi que uma extensa e barulhenta conversa é produzida em algum plano outro que não esse da linguagem verbal já instaurado. Uma materialidade no campo das sutilezas, que produz reverberações e intensidades.

Ao contrário do que o senso comum seria capaz de dizer, esse movimento de se movimentar junta a minha criança não é o de infantilização como uma palavra muitas vezes usada de forma pejorativa, aqui afirmo esse gesto como um ato político, poético e que produz vitalidade, no sentido de liberar vozes muitas vezes silenciadas, não apaziguadas ou não acolhidas por mim.

Trabalhando com crianças, percebi que muitas crianças fazem muitas perguntas e, por hora, às vezes isso pode ser um constrangimento, para os adultos, em sala de aula, por exemplo. No fundo o que uma criança quer é, nada mais do que, conhecer e experienciar mundos, e ao mesmo tempo, talvez sem se perceber, também, já está agenciando mundos. De forma um tanto inconsciente e intuitiva, início muito dos meus trabalhos com perguntas e a partir das minhas práticas artísticas em aulas, oficinas e encontros com crianças isso tornou-se uma metodologia de trabalho, onde pude intensificar esse método a partir da minha prática com os pequenos. Irei elaborar essas práticas artísticas com maior profundidade no capítulo "Confluências" mais adiante, aqui na dissertação.

Sou uma artista apaixonada pelas perguntas, quando alguém se faz uma pergunta ou a endereça a outra pessoa, bicho, ou elemento da natureza há algo em mim que desperta uma curiosidade e uma ligeira atenção. Dizem que uma pergunta diz muito sobre quem a faz, porque o processo de criar perguntas já contém em si um processo de fabulação e de agenciamentos de mundos.

Dentro desse capítulo optei por inserir um pequeno texto formulado apenas por perguntas, percebi que ao agenciar as perguntas de diferentes formas, isso começa por se tornar um trabalho, um trabalho de arte.

Me pergunto: o que uma pergunta pode movimentar num trabalho acadêmico?

O
processo
tende
a
criar
formas...

O
mergulho
tende
a
criar
formas...

CONTINENTES

Ser corpo água

O verbo ser aqui inscreve uma potência e a presença de uma forma corpo, uma forma com contorno e em constante processo de se fazer e refazer. Todos os corpos, ou quase todos, possuem os mesmos aparatos, numa forma e dimensão que jamais será igual a outra, por isso torna-se uma forma sempre indefinida previamente.

Pensar as coisas em relação e a partir do corpo me leva a prosseguir pelo Corpo sem órgãos⁷² que decifro, como um conjunto de intensidades sendo produzidas e que tornam o sujeito produto desse processo. Cada corpo agencia o desejo do mínimo ao máximo e assim é sempre um agenciamento para uma máquina abstrata. O corpo sem órgãos passa a funcionar de um jeito que não é a forma dominante, ele está experimentando. Nas palavras de Artaud: "o corpo é o corpo/ ele está só/ e não precisa de órgãos/ o corpo nunca é o organismo/ os organismos são os inimigos do corpo"⁷³

O corpo sem órgãos não toma como organizado a partir das funções pré estabelecidas dos sistemas de poder dominante, como "corpos dóceis"⁷⁴. O processo proposto é o de captar intensidades e redistribuir os fluxos, o que me leva a pensar em um corpo-água, porque pensar nele é também pensar em como nos relacionamos com as águas do mundo. Criar territórios em nosso próprio corpo é também um modo de territorializar mundos, novas formas de imaginação e criação no contemporâneo. "O corpo tem poderes de improvisação e invenção que nós estamos apenas começando a investigar"⁷⁵.

Criar territórios é: não colonizar territórios, a criação nada tem a ver com a colonização, apenas a rima e a ruína.

O corpo território a ser conquistado como um espaço sagrado. O corpo conhece de modo próprio, por meio de práticas diárias, lógica do sensível. Propriocepção: percepção transcendente dos sentidos que temos. Esse sensível, que é o sensorial, é algo que transforma.⁷⁶

Assim, lanco as palavras ao oceano: como criar corpos com valor e com saúde nos dias atuais? Como fazer do campo da arte um lugar de vida/ saudavel? Pensando que vida e arte não são

72 Conceito aprofundado em "O Anti-Édipo", Deleuze e Guattari, ed. 34, 2010.

73 Artaud, Antenin, em 84, n 5-6, 1948.

74 Conceito aprofundado em "Vigiar e Punir", Michel Foucault, editora Vozes, 24 edição, 2014.

75 Briam Massumi em Polites of affect, 2015.

76 Sodre, Muniz. "O corpo advinha, conversas para abrir caminhos" com Muniz Sodré. Podcast

commodities.

Eu não trago respostas e me aproximo de uma outra pergunta: Como ver, ouvir, sentir e reorganizar as águas do mundo? Isso não nos tira de nós e das águas do nosso corpo, que é o mesmo corpo formado por águas capazes de criar territórios. As águas podem ser capazes de nos ensinar outros modos de se estar no mundo. Se pararmos para olhar as ruínas do mundo colonial, veremos que as águas há tempos estão sendo contaminadas, por exemplo, por um tipo de produção acelerada , que não levam em conta o amanhã como afirma Ailton Krenak⁷⁷.

Propor-se a experimentação através do corpo água é estar submerso no mundo das águas contaminadas e muitas vezes águas paradas. Lembrar-se que estar vivo é estar mergulhado em um mundo colonial, que é capaz de soterrar formas de viver. Afoga. Em um mundo que contamina, pensar a água como desejo é criar territórios de permanência e criar mergulhos como campos de forças fortalecendo possibilidades de criar, fazendo emergir experiências vitais. O corpo água produz deslocamentos e instabilidades como possibilidades de fuga, produz o que se move e não se controla. Pesquisar o corpo água é deixar fluir o incontrolável vibrante.

Como nos lembra de forma fantástica a artista, pensadora e psicanalista Castiel Vitorino Brasileiro⁷⁸: "[É preciso] ..entender a água, a forma da água, a anatomia da água em meu corpo (nossos corpos)⁷⁹, sendo eu (nós) essa anatomia também"⁸⁰ De uma forma irônica e poética ela nos diz ainda: "As pessoas pensam que a água é burra, ou que ela não vai conseguir compreender o que estamos dizendo. A questão é que a água ela compreende e percebe a vida e nos apresenta outro modo de viver."⁸¹

77 O autor desenvolve essa ideia em "Ideias para adiar o fim do mundo". Cia das letras, 2019.

78 Castiel Vitorino Brasileiro (1996). Artista plástica, escritora e psicóloga clínica formada na Universidade Federal do Espírito Santo. Mestra em psicologia clínica pela PUC-SP. Em sua prática multidisciplinar, Castiel estuda o mistério entre vida e morte, a chamada Transmutação, e as formas de se locomover entre essas zonas existenciais. Seu pertencimento familiar na diáspora Bantu-brasileira é o fundamento articulado em suas pesquisas sobre medicinas e espiritualidade interespecífica (entre formas de vidas diferentes). Castiel é autora do livro "Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude" (2022), e participou de exposições coletivas e individuais no Brasil nacionais e internacionais. Sua mais recente exposição individual aconteceu na cidade de Nova York, com o título de "Lembre-se de Quando Conversamos sobre o nosso Reencontro" na galeria que te representa, a Mendes Woods. E Castiel é uma das artistas a participar da próxima 35 Bienal de São Paulo. Vive e trabalha no planeta Terra // (Texto informado pela autora em seu site: <https://castielvitorinobrasileiro.com/>. Acesso em 08/02/2024)

79 Adiciono aqui o plural como forma de trazer meu corpo também em diálogo com seu corpo, na tentativa de produzir um encontro.

80 Adiciono aqui o plural como forma de trazer meu corpo também em diálogo com seu corpo, na tentativa de produzir um encontro.

81 Falas da artista na Live do Projeto Erù-lyá: movimentos antirracistas, [AUTO]CUIDADO, [AUTO]CURA: ARTE, ERVAS, AFETOS, PSIQUE no youtube em 11/03/22 no link: <https://www.youtube.com/watch?v=rDVjig18n4>

Termino esse texto quase como o início, mas já talvez em outro território, outro tempo, outro corpo. Como um movimento de mergulho, sem saber se para dentro ou para fora, buscando tocar o espaço latente entre esses dois ambientes, espaço esse indefinível e instável. Aqui e agora, a ressalva é outra, não mais um aviso, mas uma indagação: fiz respingar um pouco de água? Tentei produzir pequenos mergulhos, fazer juntas e não fazer sozinha, o desejo da água na tentativa de produzir um encontro através de uma superfície ondulante que ora cria imagem, ora cria sensações. Procurei tocar assuntos, como a pedra que lançada ao rio, pula, criando pequenos círculos ao redor para logo em seguida sumir de vista e ir ao encontro da água.

Volto ao corpo do texto num vai e vem, como quem nada de um lado para o outro, sem tocar o solo, sem tocar o chão. E se um texto pudesse ser água? Como fazer um texto dissolver como a água? Ela que é líquida, solvente universal, fluida, abundante, parte constituinte de todos.

Água é matéria vital de tudo que é vivo. Escrever com o que está vivo. Pergunto novamente:

C o m o f a z e r u m t e x t o d i s s o l v e r

- s e c o m o a

á g u a ?

JULIA SALDANHA

CORPOS DE ÁGUA
2021
fotaperformance
4,5 x 1,0m

WWW.JULIASALDANHA.COM



Este trabalho poderá ser parte do inventário de Herança Cultural do Brasil, sendo assim, todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial sem a autorização da autora.



O corpo é território e por isso é movimento⁸³

83 Muniz, Sodré.

CONFLUÊNCIAS

Confluente: que conflui, que se dirige para o mesmo ponto, convergência. Diz-se de ou cada um de dois ou mais cursos de água (esp. rios) convergentes.

Neste capítulo, pretendo elaborar sobre as diversas práticas que venho realizando nos últimos 5 anos. Elas acontecem em encontros de diversas formas e locais. Artista_professora_pesquisadora_devir criança. É no contato mútuo entre essas atuantes que se misturam à medida que não é possível mais separá-las, mas nessa fusão há sempre o entre, esse entre é de uma sutil sensação e reverberação que às vezes me trapaceia, me questiona e me convoca. “É como trabalhar na linha de fronteira e torná-la permeável, tátil e poética- menos fronteira e mais uma zona quente e limiar.”⁸⁴

Há uma pergunta que sempre me persegue: quem aprende e quem ensina? Quem é capaz de aprender e quem é capaz de ensinar? Tago como base o pensamento de Luiz Rufino⁸⁵ para tais questionamentos. Rufino coloca que: “educar é plantar vida no outro, sem se virar as demandas do mercado”⁸⁶. Em outras palavras, o que me parece que ele propõe seria mais alinhado ao desejo, a busca, a experimentação e a uma prática diária. Acredito que para se plantar vida no outro é preciso cultivar a vida dentro de si. A Cada dia acredito mais que cultivar a vida num mundo que está de braços atados com uma lógica capitalista, neoliberal, ego-falocêntrica, colonial é um trabalho de vida e a serviço dela.

Ainda sobre confluências, o pensador quilombola Nego Bispo nos planta a semente com sua fala: “um rio, não deixa de ser o mesmo rio porque se encontrou com outro rio, eles passam a se formar um só rio do encontro até a foz, mas do encontro até a nascente cada um continua sendo o rio que nasceu. A confluência é esse encontro que vai e que volta e onde se juntam, se misturam, se fortalecem mas não deixam de existir”⁸⁷.

84 Basbaum, Ricardo. Manual do artista etc. Ed. Azougue, Rio de Janeiro, 2013.

85 Luiz Rufino Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2010), mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2013) e doutorado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2017). Atualmente é professor assistente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-FEBF e pesquisador da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, cultura e identidade, educação, exu, descolonização e cultura.

<https://www.escavador.com/sobre/7745292/luiz-rufino-rodrigues-junior>

86 Anotações sobre a fala de Luiz Rufino no encontro sobre pedagogias que aconteceu na Lanchonete Lanchonete, proposto pela artista Thelma Villas Boas em 2020.

Num encontro de rios, há sempre uma ou mais confluências, há algo que acontece ali, que é da ordem do encontro. O encontro como acontecimento. Um acontecimento que é regido por forças e fluxos. É a partir dos encontros que movimento meus territórios no mundo. Por isso, como artista, aqui é preciso traçar os territórios de ancoragem para fortalecer. Arrisco a dizer que meus trabalhos se movimentam comigo ao passo que, também, são territórios que me possibilitam ancorar.

Neste capítulo, dedico-me e me debruço como quem escreve num caderninho com escritas de uma elaboração diante do próprio labor. O texto passa a ser um arquivo afetivo e documental ou uma deriva oceânica. Alguns saberes dissolvidos pela experiência regada de afetos, pedagogias, e conhecimentos *inconstantes*.

Achei importante que determinadas situações vividas saíssem da oralidade e tomassem um corpo de escrita como parte da dissertação. Não se trata de uma escrita-relatório, já que acredito não se tratar de relatar acontecimentos, mas sim de poder criar outro território para campos comuns, construir diálogos e confluências entre as práticas, colocar a elaboração de diferentes práticas em conversas, mergulhar em algumas práticas para ver o que se produz, lapidar experiências e poder perceber o que há no seu íntimo , perceber as linhas de conexão, de fluxos, de contato ou zonas de não atração.

A ideia é também poder transbordar, deixar a escrita correr o seu curso por meio de afetos da experiência vivida. Trago experiências singulares como possibilidade de um mergulho alegre e tranquilo, que me rememora o que é o meu trabalho e as instâncias em que ele acontece.

Escolho fazer a cada escrita uma imagem, pois as imagens também me revelam e me fazem lembrar (algumas vezes) de coisas importantes a serem contadas.



Registro de oficinas realizadas com uma turma de crianças de seis a dez anos em diferentes espaços, como praia, salão de festas de prédio. Cada aula tinha uma proposta diferente para pensar o desenho expandido, que se somaram em cinco encontros. O encontro fotografado foi realizado na praia de Copacabana em 2018 em parceria com Luana Vieira. Foto: Julia Sabatini, registro da autora.

No Registro acima vemos uma imagem de duas crianças na oficina que realizei junto à parceira, amiga e arte educadora Luana Vieira. Era uma turma de filhos de pais franceses que viviam no Brasil (todos eles eram pessoas brancas) e nos contactaram para oferecer algumas aulas de artes a suas filhas. Buscamos criar nosso próprio espaço, já que não tínhamos um local próprio para nossas atividades. A aula ocorreu no salão de festas do prédio no primeiro dia. Devido ao calor, que ocorria durante as atividades, optamos por repensar nossos locais de encontro, tendo em vista que a beira-mar estava a um quarteirão de distância. Levamos material de pintura, folhas sulfite, lápis de desenho aquarelável no encontro na praia. Ainda nos vestimos com roupas de banho e aparatos de praia: protetor solar, chapéu, comidinhas, baldes, cangas, cadeiras e guarda-sol. As mães nos acompanharam com suas crianças, enquanto seus pais estavam no trabalho. Iniciamos com os materiais de desenho/ pintura para realizar uma proposta de desenho de observação da paisagem, para tanto era necessário nos quietarmos nos movimentos e, assim, ativar um tipo de percepção do que estava no nosso

entorno. Fomos movimentando a paisagem, passamos a desenhar coisas mais próximas a nós, dentre elas, conchas, palitinhos, baldes. Depois nos aproximamos do nosso corpo, e então desenhamos mãos, pés, pernas. Em seguida, as crianças, manifestaram seu desejo pela água. Fomos para água com alguns desenhos, começamos a trabalhar a materialidade da água em relação às tintas, lápis e papéis. A textura da areia entrou em cena de duas maneiras: como superfície de contato para experimentação e como materialidade aplicada ao desenho. As ondas eram componentes do trabalho, eram um modo de agir e de tomar decisões em conjunto. O vai e vem delas se manifestavam como agente do trabalho, elas faziam com que os desenhos se transformassem e podiam dissolvê-los em pequenos fragmentos. Ao mesmo tempo que quem quisesse se arriscar na brincadeira sabia do risco de poder perder o desenho, também tinha a chance de criar algo novo. A própria sombra que aparecia no chão de areia também se convertia em desenho sobre os papéis, e as mãozinhas que cavam a areia criavam um redesenho na paisagem. Durante uma semana pude conhecer a praia de Ipanema vista de um andar alto do prédio devido às atividades desta oficina. Até então, eu só tinha visto essa praia da perspectiva da areia e nunca em um ambiente com paredes e refrigeração de ar condicionado. Pude comprovar, que da areia ou da janela do ônibus a vista é outra, mesmo o olhar sendo o mesmo. Muda-se a altura, muda-se a perspectiva.



Registro do encontro proposto na disciplina de estágio docência na disciplina de "Conformações através de meios tecnológicos" com orientação do Prof. Ricardo Basbaum e participação de Rodrigo Pinheiro. Encontro realizado no segundo semestre do ano de 2022. Frame de vídeo: Rodrigo Pinheiro.

Num outro momento dentro de minhas práticas artísticas, convoco a experiência no estágio docência na disciplina "conformações através de meios tecnológicos" com orientação do Prof. Ricardo Basbaum e participação de mestrando Rodrigo Pinheiro, colega com quem dividi a disciplina. Durante o percurso do curso no semestre, trabalhamos com temas referentes a tecnologias e sistemas tecnológicos a partir de uma expansão e reordenação dos conceitos, buscando ampliar o que seriam tais aparatos. Iniciamos com a proposta de experimentar nossos próprios corpos como aparatos tecnológicos, providos de utensílios e próteses. Introduzimos nas aulas debates sobre pensar as agências das tecnologias, as tecnologias como incorporação de ideias e metáforas de sua época e como instrumentos que possibilitam inovações. Nos colocamos a experimentar incorporar outras tecnologias nos nossos encontros e também nos nossos cotidianos.

Ouvimos atentos ao chamado dos alunos a necessidade de aulas abertas com participação maior do corpo. Es alunos em sua grande maioria formade por jovens estavam, assim como todes nós, recém saídos da pandemia e das disciplinas estarem sendo ministradas online. Elus desejavam estar em espaços abertos, já que isso havia sido retirado de nós com o isolamento social que foi medida protetiva de saúde no início da pandemia. Muito intuitivamente, propus para a turma perceber a linha como um dispositivo de circulação entre nós, profes, e alunos, como um modo a nos guiar em coletivo até a pracinha perto do Instituto de Arte e Comunicação Social _IACS UFF. A linha era nosso elo, e com isso estaríamos em público e em espaços da rua e da praça. Esse fio de cor vermelha/rosa, a princípio poderia ser utilizado como uma ferramenta para se medir o tamanho da praça. Iniciamos a aula trazendo essas possibilidades, que logo se somaram a outras, e propostas eram colocadas à conversa. Juntos, tomamos decisões: todo mundo seguraria o fio e ele era nosso condutor, isso era possível porque o fio vibra e então quase que sem perceber éramos guiados pelas nossas próprias vibrações. Decidimos caminhar vagarosamente, uns mais devagar, outros menos. Era preciso atravessar uma única rua e o fio estava lá para nos lembrar de cuidar dele para que nosso elo não se rompesse. O período de travessia foi de, mais ou menos, quarenta minutos em um trajeto de dois quarteirões, no qual fomos em silêncio. Essa experiência, de estar com o fio e os alunos, era algo novo no meu percurso, já que eu estava sempre a caminho da Universidade Federal Fluminense com o tempo apertado para as aulas. Ficar em silêncio e em caminhada lenta segurando uma linha em conjunto nos redesenhou enquanto coletivo no espaço. A sombra do fio do poste, que ficava lá no alto, se somou à sombra do nosso fio em movimento. O fio ia e voltava, o que nos colocava, lentamente, em um emaranhado, que ora se desfazia, ora sem embolava mais ainda. Tive a sensação de ter respirado em cada milímetro daquela rua e de que meus olhos lamberam cada textura pela qual passei. Ao fim, chegamos todos à praça, depois

de muito tempo em silêncio e vagorosamente caminhando qualquer movimento parecia muito grande. Ficamos um tempo em silêncio até que alguém se manifestasse. Enquanto estávamos embolados nas linhas, alguém sugeriu que des-atássemos todos [os] nós. Observei que eram muitas mãos e fios, que passavam de um lado ao outro em uma força tarefa coletiva. Enquanto nos dedicávamos ao ato de desatar, dois ou três jovens bêbados se juntaram a nós. Ao mesmo tempo em que se empenham na tarefa de desatar os nós, também nos questionavam o que fazíamos ali, de onde éramos.

Ao fim do desemaranhar de nós, medimos a praça a partir da linha. Essa proposta não foi fácil e nem rápida: fizemos um grande círculo ainda com a linha nas mãos ocupando os extremos da praça circular, desviando de árvores e canteiros. Retornamos a sala de aula ainda segurando a linha, lá abrimos uma conversa para elaboração sobre a prática. Era importante que nós ouvíssemos os alunos e que cada um pudesse contar como tinha sido a experiência, por exemplo: o que mais chamou atenção, o que seu corpo percebeu (sons, cheiros, olhares, percepções). Percebo o quanto a linha se tornou uma tecnologia sensível para captar vibrações e intensidades de cada corpo que esteve presente ali, formando o corpo coletivo.

As percepções dos alunos, fez com que eu percebesse a imensidão da linha naquele momento, alguns relataram perceber coisas em seus colegas, que não havia notado antes, o modo de andar, de segurar a linha e caminhar com ela vagorosamente. Outra percepção foi a composição da linha junto a paisagem dos fios dos postes, o vento como agente proponente, sussurros que vinham de passantes. Os alunos comentavam o desejo em poder se mover mais de outras formas nas ruas, que pudessem experimentar outras formas de ocupar os espaços públicos e foi importante notar como o coletivo surge como uma força propulsora e de pertencimento para que ações aconteçam.



Registro do encontro Arte em famílias Parquinho Lage, dentro do curso "Livrinho de artista: livro molhado" realizado com uma turma de crianças de quatro a doze anos com seus responsáveis.

As atividades do "arte em famílias" acontecem sempre aos sábados, a cada aula do "livrinho de artista" é proposto um ponto de partida para criação e experimentação de livros. O projeto acontece desde 2016 na EAV_Parque Lage. Em parceria com Luana Vieira. 2020. Foto: Ismael Silva.

A terceira prática que vou apresentar se deu no Parquinho Lage no encontro Arte em famílias, dentro do curso "Livrinho de artista: livro molhado" realizado com uma turma de crianças de quatro a doze anos na companhia de seus responsáveis. Luana Vieira e eu somos professoras nesse curso desde 2016. Os programas de "arte em famílias" acontecem sempre aos sábados. A cada aula do curso "livrinho de artista" é proposto um ponto de partida para criação e experimentação de livros ou a partir deles. Esses pontos de partida são abertos, são propostas e dispositivos.

Fazer uma ementa de aula é criar um dispositivo para que algo aconteça. É mais da ordem de abertura de um campo do que da ordem do ensino, e por isso se aproxima muito ao encontro. São encontros. Encontros que tem a condução das artistas-professoras. Durante o sábado do curso Luana e eu proporíamos uma atividade no quintal, mas ficamos preocupadas em relação à previsão de chuva, com uma espécie de "problema" que seria a chuva naquele contexto, pois

não havíamos previstos capas de chuvas aos participantes e seria complexo sairmos ao ar livre para oficina com papel. Resolvemos trazer a água para perto e fazer do ato de chover um grande aliado a nossa proposta. Vamos fazer os livros e depois levar eles para molhar na chuva! A partir disso toda a antiga proposta se desfez com a chuva.

Com a proposta da água como uma matéria aliada às experiências que teríamos, partimos a apresentar os materiais que pudessem compor com a água. Colocamos na sala/ateliê diferentes bacias e recipientes, diferentes tipos de tecidos, de tintas, de papéis e canudos e outras ferramentas. O ato de molhar se tornou o centro da pesquisa para a maioria das crianças. Elas molhavam as superfícies ao borrifar, faziam chover nos tecidos, mergulhavam tintas, encharcar páginas, sopravam gotículas em água, enquanto criavam seus livros.

De forma geral, essa oficina foi importantíssima no meu processo de experimentação com as crianças. Confesso que tinha medo e insegurança em relação a experimentação de um material tão autônomo, mas as crianças vieram me lembrar nessa aula com água como é importante não ter total autonomia e controle, tanto dos materiais quanto dos processos. As crianças foram muito receptivas ao processo de experimentar com alegria e diversão colocando isso em prioridade. No caso, brincar e experimentar com os materiais era mais importante do que levar um livro seco e bonito pra casa. Acredito que ali criamos um ambiente onde a água pode contar segredos e sussurros às crianças. A água era o convite para estar com ela. Mergulhando ainda mais neste contexto, posso afirmar que ali se construiu uma oportunidade junto às crianças de repensarmos as relações sujeito-objeto e sujeitos-obra de arte. Ao colocar a importância no acontecimento, na experimentação e no que precisa emergir do encontro de cada criança com a água. Esse encontro foi povoado por muitas particularidades. Tento, diariamente, colocar meu trabalho nesse lugar possível de encontros entre matérias (coisas, pessoas, acasos, paisagens, palavras e outras materialidades. Vejo meu trabalho com as crianças como um ambiente de reflorestamento, pois as sementes que entrego às crianças são devolvidas em frutos para mim. Quando eu recebo esses frutos, eu quero compartilhá-los, então forma-se aí uma estrutura cíclica, onde há começo, meio, começo⁸⁸ e o começo é sempre abertura para outros novos começos. A medida que eu proponho, organizo, preparo os encontros, as crianças e seus pais também mergulham nas oficinas com suas presenças, entrega as propostas, gestos, olhares, afetos, perguntas. Há sempre uma expansão dos nossos contornos.

⁸⁸ Frase ouvida repetidas vezes em diferentes contextos e local, na voz de Nego Bispo. A última vez que ouvi a frase foi presencialmente num encontro proposto pela Festa Literária das Periferias (FLUP), cuja principal característica é acontecer em territórios tradicionalmente excluídos dos programas literários, na cidade do Rio de Janeiro. Em quinze de outubro de 2023 pude comparecer ao encontro- mesa: Confluências e escriturências, muito mais do que rimas, com Conceição Evaristo, Nego Bispo com mediação de Flávia Oliveira na Arena Machado e Cria. O encontro está arquivado no youtube: [Mesa: Confluências e escriturências, muito mais do que rimas](#), último acesso em 05/12/2023.



Registro do encontro "Jornadas de outubro sem medo": Oficina "Inventar perguntas: podemos criar mundos?" com a artista Julia Saldanha. O projeto acontece desde 2016 na EAV_Parque Lage. 2021. Foto: Alice Loureiro.

No terceiro encontro, também realizado no Parquinho Lage, o dispositivo da oficina era nos reunirmos ao redor de perguntas. Estávamos ainda dentro do contexto pandêmico, e as oficinas foram realizadas com uso de máscaras. Naquele momento, muitas perguntas coletivas emergiam, buscávamos respostas imediatas para o que estava acontecendo e o que iria acontecer depois. No meu caso, senti necessidade de saber o que as crianças estavam (se) perguntando. O encontro não tinha a intenção de responder nenhuma das perguntas, embora elas fossem colocadas. Comecei a oficina perguntando às crianças o que era uma pergunta e porque as pessoas perguntavam coisas a si mesmas e as outras. Elas diziam o que vinha a língua: para saber as coisas, uma pergunta é uma dúvida entre outras coisas. Uma pergunta surpreendente surgiu em dado momento da conversa: o que é um museu? Com um tom certo, uma criança responde: "é o lugar do silêncio!". A força da resposta veio com a mesma força da pergunta. Ela me deslocou tanto que ainda me vejo dando cambalhotas com

esse acontecimento. Sobre o que exatamente essas crianças se perguntavam? Não consegui encaminhar o encontro para aprofundarmos no assunto, já que alguém retornou em seguida com outra pergunta: “mas e o museu do som?”. Tal questão nos colocou a pensar novamente. O importante seria trazer a superfície, de qual silêncio no museu essa criança falava e como isso reverbera em seu corpo.

Nesta oficina, além das perguntas como disparador de criação, eu dividia com as crianças a alegria de experimentar as palavras como materialidade, desenho, colagem, objeto. Cada participante a partir de sua pergunta elaboraram um cartaz contendo a própria pergunta escrita, fazendo um jogo de composição entre as letras, as diferentes formas, diferentes tipos de papéis, diferentes cores e texturas. Que imagens essas perguntas poderiam nos provocar? Como levar essas imagens ao papel?



Imagens da oficina “Arte contemporânea: arte no corpo! nas ruas! nas camisetas!”. Convidei a artista Camilla Braga para me acompanhar nessa oficina.

Realizada no Parquinho Lage em 2022.

Convidei a artista (e, agora, colega do mestrado) Camilla Braga para estar comigo na condução de um encontro da oficina “Arte contemporânea: arte no corpo! nas ruas! nas camisetas!”. Esse convite se deu por compartilharmos trabalhos com temas semelhantes, em especial, “vista a camisa, 2022, Julia Saldanha”⁸⁹ e “Camisa Camilla Braga promo, 2019, Camilla Braga”⁹⁰. Além de nós duas, eu percebia uma grande quantidade de artistas usando o suporte da camiseta e agenciando seus trabalhos a partir dela. Iniciei conversas com artistas e colegas em torno de pensar essa circulação de fácil acesso, que se apropria do corpo e traz mensagens de longa circulação, envolvendo temas importantes da arte contemporânea, sistemas e circuitos das artes e neo-liberalismo. Questionei muito como gostaria de propor essa oficina, pois pensando no sistema da arte contemporânea o objeto camiseta, ainda, não só tenciona o objeto obra de arte, mas também se aproxima da circulação da moda, o que gera um certo fetiche em torno dos trabalhos, mesmo que ainda de forma irônica. Com as crianças a proposta foi sobre elaborarmos juntos o espaço do nosso corpo, o suporte para criação de obras de arte e ampliar e criar a circulação de suas criações e experiências.

Há no meu trabalho um desejo de colocar a discussão e as conversas em jogo, assim pensei que nessa oficina eu poderia obter novas elaborações a partir das crianças e dos modos como elas abraçaram e participaram da proposta. Havia perguntas em torno de se a camiseta era suporte para trabalho de arte ou não? As crianças adoravam ver quantos artistas já haviam feito camisetas e se interessavam em colocar as mãos nelas.

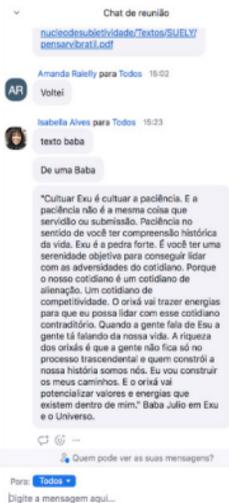
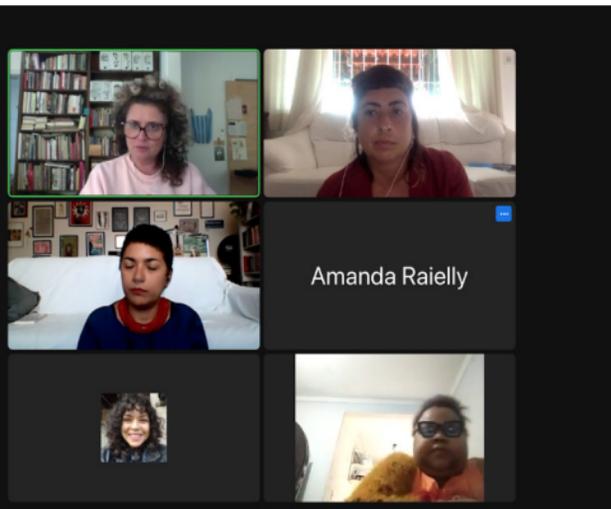
Nesse encontro pude experimentar fortemente forças que me atravessaram de forma dificultosa, como: o desejo de pais e avós a se colocarem à frente dos desejos das crianças, querendo acertar uma pintura e finalizar um desenho de “forma bonita”- assim, eles acabam por tomar as ferramentas do brincar e experimentar das mãos das crianças. Nos encontros, é perceptível quando a criação é feita em conjunto e co-laboração entre pais, responsáveis e filhos e quando a criação do outro torna-se um atropelo a seu fluxo. Isso produz cintilâncias e forças que se reverberam em falas, gestos e imagens. Há um tipo de fluxo que é interrompido.

Como professora e proponente desses encontros tomo para mim o lugar da condução. Sabendo de toda delicadeza que isso pede, a condução é entre a criação e seus fluxos e um modo de dar passagens tranquilas a eles. Não há um modo único e assertivo para se conduzir, produzo movimentos em direção à liberação desses fluxos, e tenho a certeza que também falho. Propor aulas, produzir encontros é o lugar do risco, pois alguns encontros são capazes de produzir vitalidades e outros não, há sempre um manejo dessas forças durante os encontros.

89 Ver trabalho no site: www.juliasaldanha.com. Acesso em 02/02/24.

90 Ver trabalho no site: <https://cargocollective.com/CamillaBraga>. Acesso em 02/02/24.

Conduzir, ao meu ver, é a maneira, mas que se torna também um método, um modo de fazer e criar: criar espaços, paisagens, relevos, altitudes para percorrer a invenção. A criança me ensina, muitas vezes, sobre saber o que fazer, ela sabe o que fazer, ela apenas quer ajuda para seguir fazendo, criando e dando contornos às suas criações e experiências. É possível se colocar disponível a perceber os fluxos, as passagens e fazer deles um guia para lidar com as crianças, com cuidado e com escuta com o corpo disponível a manejar os desejos envolvidos nos encontros.



Registro do encontro mensal coletivo G>E online. Encontro orquestrado pela artista Karlla Giroto, no grupo online. Na época, faziam parte do grupo os artistas: Amanda Raielly, Carol Cantarino, Isabella Alves, Juliana Ronchesel, Zaira Tarin e eu, 2023. Foto: captura de zoom, maio de 2023.

Por último e não menos importante, trago as experiências fortalecedoras do G>E o grupo maior que eu, já mencionado anteriormente. Apesar de não ser um grupo agenciado por mim, acho importante trazê-lo com uma confluência a minha produção artística. Acredito que o G>E seja, também, um espaço gerador de autonomias, no qual cada presença mobiliza afetos e que podem ser elaborados e agenciados no próprio grupo. E nisso há um grande aprendizado

em como conduzir o corpo e os afetos envolvidos nos encontros. Iniciei meu processo individual de acompanhamento em 2018, após uma visita da Karlla ao Rio de Janeiro, na qual, a artista fez uma fala aberta sobre o grupo. Apenas cinco anos mais tarde, em 2023, entrei para o grupo. Eu brinco que o G>E foi a minha formação continuada em Artes, pois é o trabalho, a escola, o grupo que eu faço parte por um período maior de tempo. Desenvolvi um forte vínculo com o trabalho realizado no G>E, com as pesquisas e dinâmicas que o grupo apresenta, os modos de estar no mundo que nem sempre são fáceis de dar conta num texto ou numa fala. Mas acredito que este grupo é o que mais se aproxima ao universo do meu trabalho e das minhas pesquisas em arte num campo ampliado, no qual posso experimentar a crítica, discussões, a elaboração dos afetos, a escrita baseada em forças germinadoras, os dispositivos de encontros, exposições e apresentações em espaços de arte independentes e também a vida acadêmica e a inserção no mestrado em artes. Não à toa a artista Karlla Giroto se tornou co-orientadora deste trabalho.

O que me interessa é como as práticas e os encontros semanais e mensais atuam no meu processo como artista. Esse processo não tem começo, meio e fim, o que traz uma certa organicidade, pois não há expectativas sobre o que os encontros prometem e o que virá a acontecer no processo, logo é mais sobre o processo do que sobre os fins. À medida que escrevo esse texto, me vejo numa plena dificuldade de dar corpo, forma em palavras para dizer o que se passou nesses cinco anos, isso se dá por ser da ordem de um extremo sensível, camadas moleculares de transformações e sedimentações no corpo e no corpo dos processo artísticos. A partir do G>E, eu comeci a ir atrás e de me manter curiosa sobre Deleuze e Guattari sobre estudos e pesquisas acerca de subjetividades e da esquizoanálise como pesquisa e prática. Tornando a curiosidade um modo de operar a pesquisa e os gestos, o não saber é quem me faz pesquisadora.

O G>E me fortalece também como professora, de modo que ali pesquisamos juntas o que pode ser uma aula e como plantar vida no outro. De modo que, plantar vida no outro é fazer com que ele mesmo escolha suas sementes e nesse processo a autonomia se apresenta com base fundadora de um processo criativo. Dar autonomia às crianças é saber ver que elas possuem e criam desejos, e se movimentam a partir delas no mundo. Uma criança é capaz de guiar uma aula, uma oficina e um encontro e como professora o que faço jamais será podar os desejos e sim pensarmos juntos em como agenciar os desejos individuais e coletivos. E nesse caso, falando sobre as crianças, o desejo passa pelo desejo dos pais também e das instituições, e ao meu ver é preciso agenciar-los.

MERGULHAR

Mergulho como metodologia

O que se quer é

O que o desejo quer é

“Mergulhar na geografia dos afetos, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem”⁹¹.

Pesquisar o curso de um rio é olhar para uma travessia, uma paisagem composta de várias paisagens, uma geografia, forças, leis gravitacionais, ecossistemas. Interesse-me por mapas hidrográficos geográficos, os mesmos que eu gostava de desenhar e pintar na infância, submersa em canetinhas, lápis de cor e papéis vegetais. Esses mapas, que são compostos por linhas, planificam, tornam a paisagem estática, são tentativas de representação do real, Mesmo tentando são capazes de revelar fluxos e são possíveis identificar geografias aparentes, pelos cursos das águas, por exemplo. Lembro-me da infância, que a metodologia era cruzar os mapas e informações para se entender a construção de certas paisagens. Para se cruzar mapas desconhecidos é possível inventar trajetos e registros que se ofereçam como outras possibilidades criando novas articulações, não só com mapas, mas também outros registros. Um conjunto de mapas, dependendo como articulado, pode se tornar parte da construção de uma cartografia geográfica.

Essa pesquisa acompanha e acontece junto ao meu processo como artista, no qual existe em confluência à minha prática e produção em arte. É possível se dizer que da mesma forma que do mergulho emerge a artista, ela mergulha em busca da sua pesquisa, o que faz emergir uma artista que mergulha em busca de uma prática e desse mergulho emerge uma artista num processo infinito de germinação como ciclo de uma planta ou qualquer outro processo de gestação de vida. Um ciclo vital.

Num mergulho, não há como se estar de fora. Estar, simplesmente, olhando para a superfície da água, seria ver-se refletir a própria imagem. Assim como no mito de narciso, mito grego que, resumidamente, apresenta Narciso como adorador da sua própria imagem após se apaixonar por sua própria imagem. Cartografia ou de como pensar o corpo vibrátil.
<https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>. Acesso em 12/01/2024.

ixonar por sua aparência refletida no lago. O que proponho é que possamos nos retirar da superfície, como condição opaca, chapada e às vezes reflexiva (no sentido de se refletir as próprias imagens), sem que a gente possa ficar preso nessa condição narcísica. Proponho que o ato de mergulhar nos faz estar em movimento e poder habitar o próprio ENTRE espaços.

Ao se adentrar a uma matéria aquosa, nosso corpo imediatamente altera esse outro corpo. Pode-se dizer que há aqui o choque, o contato, o encontro. O pesquisador muda o objeto/lugar a ser pesquisado, qualquer movimento [na água] produz alteração de lógica e sentido, não existe distância entre as matérias, na mesma medida que apenas o que interessa é o entre. Torna-se quase paradoxal. Acontece que ambos os corpos são vibráteis. O pesquisador/mergulhador é um sujeito-agente assim como o ambiente/objeto/corpo que pesquisa. Então me lanço em direção a pergunta:

Como prever um mergulho?

“...Não é possível definir seu método (nem no sentido de referência teórica, nem no de procedimento técnico) mas, apenas, sua sensibilidade, podemos nos indagar: que espécie de equipamento leva o mergulhador, quando sai a água?”⁹² Aqui tomei a liberdade de brincar, isso mesmo, brincar com esse trecho do texto da Suely Rolnik, escolho a palavra brincar e a uso repetida vezes para nos fazer lembrar a importância deste gesto. Peço toda licença e acredito fazê-la com prudência, num sentido de movimentar o texto em mim, em você e no próprio texto, este que é vivo.

Entendo aqui que fazer uma pesquisa usando a metodologia de mergulhos como proponho, é pensar o método cartográfico pensado por Deleuze e Guattari e mais pra frente no Brasil desenvolvido por Suely Rolnik e outros pensadores como Virgínia Kastrup e Eduardo Passos. Ao longo da minha pesquisa, passei por todos esses autores, tendo diferentes tipos de encontros, com Edu, por exemplo, o encontro se deu em sala de aula na UFF, na disciplina de

⁹¹ Rolnik, Suely

⁹² aqui troquei as palavras cartógrafo e campo por mergulhador e água.

metodologia, os outros encontros se deram a partir de leituras, em aulas e grupos de estudos.

O mergulho se apresenta como uma ressonância desse conjunto de autores e outros tantos que aparecem de uma forma circunscrita em meu corpo, resultado de mergulhos durante uma vida. Recordo de uma aula onde o professor dizia algo como: "Deleuze dizia que os conceitos nos servem para nos movimentar, não são cristalizados e não servem para nos amedrontar, fosse assim eles não fariam sentido."⁹³ Acrescento, "o conceito é o contorno, a configuração, a constelação de um acontecimento por vir que o corta e o recorta à sua maneira. A grandeza de uma filosofia avalia-se pela natureza dos acontecimentos aos quais seus conceitos nos convocam. Eles são centros de vibrações, cada um em si mesmo e uns em relação aos outros. É por isso que tudo ressoa, em vez de encadear-se ou de corresponder uns aos outros"⁹⁴.

Lembro também de estar em muitos ensaios do Teatro da Vertigem que tive o imenso prazer de acompanhar, ainda como jovem estudante de arquitetura e cenografia, ali como estagiária de cenografia, depois contra-regra e recepção de lista de convidados (assim foi a forma que encontramos de estar do início ao fim do processo!). Nesses ensaios, que foram quase uma escola, um ambiente formador lembro-me de ouvir o iluminador Guilherme Bonfanti⁹⁵ dizer: -Existe uma peça dos ensaios: o processo e uma peça que nós vamos apresentar. Rememoro este tempo e lembro que minha jovem se perguntava: mas qual era melhor? (não que eu tivesse que escolher entre as duas opções) o processo e o dia a dia, as vivências diárias e os erros, ou o projeto pronto? Ali percebi que eu era dos processos! que me interessava o pano de fundo, os transbordamentos, as coisas vivas, vezes ainda, sem contornos,

OS MERGULHOS.

Aquele processo foi um verdadeiro mergulho.

93 Lembrança marcada no corpo do grupo de estudos ministrado por Frederico Lemos, doutorando em filosofia na UFF.

94 Deleuze & Guattari em epígrafe do Livro "Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada" Suely Rolnik.

95 Guilherme Bonfanti Piedade, de nome artístico Guilherme Bonfanti, nasceu em Leme, SP, em 11 de novembro de 1956. Light Designer, é com Antônio Araujo um dos fundadores do Teatro da Vertigem e coordenador e um dos fundadores do curso de Iluminação da SP Escola de Teatro. Atua, desde 1987, em diversos projetos de artes visuais, arquitetura, mostras e exposições, moda, eventos profissionais e corporativos. <https://guilhermefanfanti.com.br/guilherme-bonfanti/> acessado em 31/05/2023.

Eu diariamente batalho muito para que meus processos sejam mergulhos. Acredito muito nos processos diários de criação de corpo e instauração de subjetividades que desafiam a ordem hegemônica. "A descolonização do inconsciente envolve um trabalho sutil e complexo de cada um e de muitos que só se interrompe com a morte; ela nunca está dada de uma vez por todas.

Mas a cada vez que se consegue dar um passo adiante nesta direção é mais uma partícula do regime dominante em nós e fora de nós que se dissolve, e isto tem poder de reverberação. É nestes momentos que a vida dá um salto e nos proporciona o gozo individual e coletivo de sua afirmação transfiguradora. Desejar este acontecimento de uma vida não cafetinada é o antídoto para a patologia do regime colonial-capitalístico que torna a vida genérica e nos faz desejar o gozo do poder – um gozo próprio de uma subjetividade reduzida ao sujeito, cuja cegueira nos leva a um miserável narcisismo devastador"⁹⁶

Este é um trabalho processual para se investigar os processos, há uma sintonia entre o método e o processo, e ainda do que se pesquisa. É a partir do tempo e do próprio corpo que se pesquisa a própria vitalidade no corpo, é observando a paisagem, o encontro do rio com mar que se investiga o corpo paisagem e a paisagem do corpo, mergulha-se no fazer artístico para dar conta de subjetividades, mergulha-se numa praia ou no rio para sentir o que acontece quando dois corpos de água se encontram. Mergulha-se para tocar o fundo. Ir para dentro e não para fora. Apenas sair do mergulho com uma espessura de corpo vibrátil⁹⁷. Mergulhar para se criar um corpo vibrátil. Olhar as águas de fora e perceber as águas de dentro.

"Para os geógrafos, a cartografia - diferentemente do mapa, representação de um todo estático - é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias"⁹⁸

96 Rolnik, Suely. Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada. Ed. N-1. São Paulo, 2018.

97 Rolnik, Suely. Uma terapêutica para tempos desprovidos de poesia. <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/terapeutica.pdf>
98 Idem.

Ao mergulhar é possível fazer o desejo emergir, é possível criar um escuro iluminado onde se escuta o murmurar do desejo, como quando a gente mergulha fecha os olhos e ausculta batimentos cardíacos, ali percebe-se a sutileza e a grandeza do próprio corpo.

Algumas cartografias:

“O lugar do corpo vibrátil onde incidem as forças que o ferem ficam marcados por [esta] experiência, a tal ponto que isso pode esculpir o desenho da própria musculatura de um corpo e até de sua estrutura óssea. Hubert Godard, em entrevista publicada neste catálogo, comenta ter verificado em seu trabalho o quanto a torção das costas em pessoas que sofrem escoliose, por exemplo, frequentemente acontece antes em seu modo de perceber o espaço: é como se o corpo não pudesse projetar-se para um dos lados do mesmo. É isto que acaba provocando uma torção da própria coluna vertebral e de toda musculatura dorsal que a envolve”.

“...O retraimento da projeção do corpo para um de seus lados, como no caso da escoliose, pode ser consequência da memória de um mau encontro: a vibratibilidade do corpo teria sofrido um desconforto provocado por forças vindas especificamente daquela direção, o que teria feito curv-lo para o lado oposto como medida de proteção.

Os pontos portadores da memória destas marcas traumáticas são a morada corporal dos fantasmas...”⁹⁹

A partir desses trechos de “Uma terapêutica para tempos desprovidos de poesia”, começo a apresentar o que chamei de cartografias. Elas foram realizadas em anos diferentes, sendo a primeira (chamarei de número 01) a mais recente e a última (número 03) a mais antiga. Elas não se relacionam de uma forma direta, mas me interessa o tipo de corpo que elas constroem juntas e a reverberação do conjunto.

A cartografia 02 foi apresentada no início da construção desse trabalho para a disciplina de metodologia. Coloquei-me a tentar ouvir e colocar em palavras afetos que me atravessavam no início de jornada em que o mergulho parecia algo grande e indecifrável. Trago a cartografia como forma de me movimentar por meio dela, de fazer ela e o trabalho se movimentarem juntos.

A cartografia 03 foi levada ao encontro individual do G>em 2020 e depois em 2021. Ela foi apresentada em duas datas, pois foi modificada durante esse tempo. No início, apresentei à

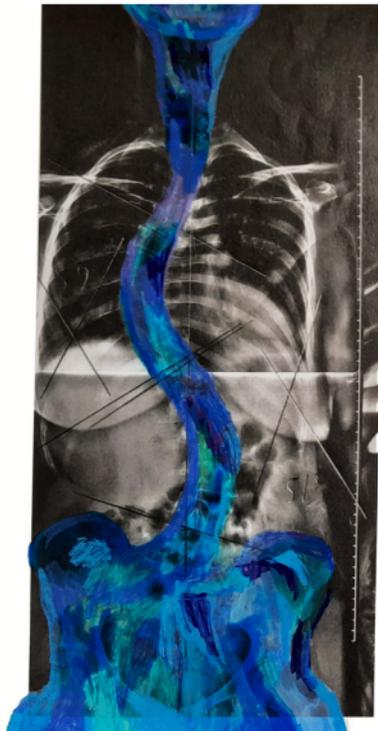
⁹⁹ Idem.

Karlla como um possível trabalho em construção, algo que eu mesma não sabia bem, sabia que tinha algo naqueles desenhos e que eles movimentavam uma força em mim. Karlla me trouxe a ideia de pensar os desenhos, não como um trabalho, mas como algo que eu poderia dizer que fosse anterior a isso, uma criação de um campo de forças que queria me mostrar coisas. Inicialmente o desenho era uma representação de um espaço quadrado, um plano cartesiano com uma pequena mancha de cor. Depois disso passei a estar próxima a esses desenhos e com o tempo a mancha de cor foi aumentando e tomando todo o espaço. Percebo como o espaço rígido, cartesiano e ordenado foi tomado por líquidos coloridos, enxaguando os recipientes com diferentes tons, texturas, cores, formas, espessuras e temperaturas. Há algo que remete aos sete chakras.¹⁰⁰

Na primeira e última cartografia, propus-me a encarar de uma forma sensorial a ossatura de parte do meu corpo, a parte central, mais importante do esqueleto humano. Tentei criar outras imagens a partir de um exame de raio-x, que faço anualmente desde meus doze anos. Olhar essas imagens sempre foi muito difícil, era como olhar para fantasmas, e a partir disso tentei decifrar nuances me perguntando: o que se passa aqui dentro?

O que se sabe até hoje, em 2024, é que nem todas as escolioses são possíveis de regressão, mas a do meu corpo sim. A escoliose é medida em graus por um cálculo geométrico feito pelo ortopedista, no caso, essa imagem nunca é a mesma, não é estática, é possível mudá-la, há o desejo de modificá-la, poder fazer correr os fluxos a pulsão capaz de mudar a paisagem.

¹⁰⁰ Chakras: Chakraoriginária do sânscrito, vinda de cakra (pronunciado [tʌkɾa]) em Pali, referenciada em chinês tibetano: Chakka; com significado “roda”, “giro” ou cíclico, é descrito por muitos como uma roda de fiação e luz. No Budismo, o termo sânscrito chakra (Pali cakka) é usado em um sentido diferente do “círculo”, referindo-se à concepção de Rebirth composta por seis estados em que os seres podem ser renascidos. Os chakras são centros energéticos distribuídos pelo corpo, originários das escrituras sagradas do hinduísmo – a palavra chakra significa “roda” em sânscrito e, não à toa, eles estão em constante movimento. Sua comunicação se dá por canais condutores, chamados Nadis, por onde passa nossa energia vital.



cartografia 01- 2022/2023. Raio-X panorâmico de coluna (de 2019) e intervenção de giz pastel, canetinha e lápis de cor.

PROCESSO DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA E CRIAÇÃO DE SUBJETIVIDADE

set/ out 21

olhar para o percurso e não só para o território.

É possível respirar debaixo da água?

Como é possível respirar debaixo d'água? maré baixa

como é possível continuar criando em meio a tantos processos de captura?

água é o desejo

assentar territórios num vasto mar

corpo dentro e fora d água

"Intuição é a bolha da razão expandindo/explodindo"

limites/ fronteiras-limite de si

linha do horizonte

hidropoética do deslocamento

fluído| fluindo

narrativa

coragem (agir com coração)

pontos de ancoragem

afogamentos

mergulho: não é garantido, cada mergulho é um... tentativa de teorização da arte a partir da prática do movimento

bolhas de ar/ bolsões de ar

fluxos

método processual para investigar processos. sintonia entre método e processo

água e seus recipientes

(estado) nascente

escavação de si

arte não se tem, se acontece

água que invade o texto

recipiente corpo

cartografia 02- set/out. 2021. Parte de trabalho apresentado na disciplina de metodologia na UFF.



cartografia 03 - 2020/2021. desenho em papel de aquarela com caneta, giz pastel, aquarela e lápis de cor.

TOMAR FÔLEGO

considerações elaborações gestos de encerramento de ciclos

Não tentar concluir já é um exercício grande. Dar um pequeno contorno e deixar o caminho livre para que as forças sigam seus fluxos. Criar uma extensa película para que se veja o corpo, mas que ele ainda assim possa crescer e vibrar. Criar pele ao trabalho. Poder envolvê-lo em recipientes diferentes e movimentar de um a outro, poder deixar que recipientes quebrem ao meio do caminho. Interromper a travessia e o fluxo, se for necessário ou se for uma escolha. O que está vivo é vivo e pulsa, é gerado pela incerteza. Tudo que temos de mais fixo no mundo é a certeza da mudança.

A artista, professora e pensadora Fayga Ostrower diz que “no fluir da vida, nos sucessivos eventos externos e internos que nos mobilizam, cada momento de estabilidade é imediatamente questionado. Cada situação que se vive, cada ação física ou psíquica, cada emoção e pensamento desequilibra um estado anterior. Introduce um novo fato, acrescenta uma medida de movimento. Desdobra algo, e nos desdobra em algo também”¹⁰¹.

Concluir algo seria da ordem do movimento, no sentido de continuar a perseguir o desejo e iniciar uma jornada em busca de um novo mergulho ou seguir movimentando ainda nos mesmos mergulhos, continuar a fomentar as dúvidas e perseguir as inquietações. O desejo é poder dar mais tempo aos mergulhos, mergulhar em superfícies profundas, com as profundidades possíveis.

Enquanto essas palavras decantam nas páginas, penso que é capaz que as palavras estejam encharcadas, afinal letras mergulham em palavras e estas também mergulham em nós. Ou nós é que mergulhamos nelas? Às vezes, vem um sonho de quem sabe um dia escrever, reescrever essa dissertação em outro idioma, outra língua, outras palavras: reescrever ou escrever de novo, apenas, para se escrever melhor.

Esse processo, que como já disse antes, não iniciou e não termina por aqui, trouxe a pesquisa para molhar a Universidade e alguns de seus contornos, assim como também fui molhada por ela. Dentre os muitos acontecimentos, aprendizados, ensinamentos, fiz amigos e colegas que mergulharam comigo!

101 Ostrower, Fayga. Criatividade e processos de criação. Editora Vozes. 2014.

Na praia Vermelha, na Urca, Rio de Janeiro.

Volto a dizer, o mergulho é da ordem do acontecimento, do sensível e do indizível. Se não estivermos abertos, porosos e atentos, podemos passar por um mergulho sem percebê-lo. Parece que o mergulho também é da ordem do presente. Como um presente que se oferta a si mesmo.

Essa travessia se deu entre o Perequê-açu, a Universidade Federal Fluminense, em Niterói e a cidade do Rio de Janeiro; entre as escritas na areia, no meu corpo e nessas páginas. Elas demonstram que minhas buscas por territórios fizeram emergir outros novos em meu próprio corpo.

Durante esse percurso, aumentei a minha percepção de que estamos sempre mergulhados em um lugar, sendo esse espaço físico, ou de outras naturezas. Não existe artista sem contexto, estamos inseridos num local, tempo, espaço, condições físicas, psíquicas, emocionais, subjetivas, ancestrais e não há como descartar essas forças.

Os mergulhos são capazes de reverter pensamentos, de subverter condições de espaço, tempo, temperatura e pressão, porque nos deslocam e nos retiram de territórios pré concebidos. Acredito no mergulho como ato de criação de um campo possível à criação, e não um campo já existente. Sendo ele da ordem da criação não há métodos e modelos a serem seguidos e sim a serem criados.

Além dessa pesquisa possuir um “objeto de pesquisa”, que é uma ação: o ato de mergulhar, ela também pode me proporcionar mergulhos individuais e coletivos. Percebo que não existe ação para além da linguagem que não passe pelo corpo. Assim, meu objeto principal se desdobra no meu corpo em encontro com outros corpos, em um conjunto de corpos, vivos e pulsantes, que estão longe de ser objetificados, e na paisagem ou mesmo nas paisagens. Tomei meu corpo como uma grande paisagem e pude mergulhar nele. Em outros momentos a paisagem era o deslocamento, ou o encontro do rio com mar, a sala de aula, o deslocamento entre a sala de aula em niterói e a Praça Leoni Ramos, na cantareira¹⁰².

Ali o mergulho se deu na linha _____

102 Praça Leoni Ramos, localizada próxima ao IACS UFF, foi um dos locais de encontro para uma aula do estágio docência.

Por muitas vezes ao longo desta escrita também me dei o privilégio, uso essa palavra por ter a consciência de que muitas pessoas não conhecem e nunca viram o mar pessoalmente, de poder mergulhar nas águas do perequê-Açu e buscar em meu corpo o que esta ação me devolvia, o que isso agregava a minha pesquisa na universidade, pensar em como eu poderia propor essa sabedoria vinda de uma experiência a outras pessoas e como isso se reverbera num pequeno espaço que pode ir se ampliando.

Criar uma escrita que dialogue com os movimentos marítimos, e para isso dar espaço em meu corpo e meu cotidiano para poder ir todos os dias pela manhã sentir a maré, no encontro do rio com o mar. Meu corpo foi criando um ritmo próprio para que isso acontecesse. Não há fronteira que separe o rio do seu encontro com o mar, o rio está sempre em busca do mar. Pode-se colocar uma cerca, uma barragem e o rio irá gritar e nos lembrar que cerca não prende rio. Como nos lembra Muniz Sodré existe uma esperteza no rio, e é preciso que a gente queira aprender com ele. E logo, aprender com o rio é também aprender com o mar e todas as águas que nos compõe e nos cercam. Poder cuidar das nossas águas, nossos jorros internos pedindo passagem ou aquele rio gritando toda a poluição.

Com esta pesquisa pretendo abrir espaços e criar lugares de diálogos, criar espaços que possam coexistir. Dar lugar às subjetividades. Criar espaços que não são da ordem do que é medido e sim experienciado, vivido. O que pulsa. Não negociar com aquilo que por vezes é inegociável. Não negociar o inegociável: não há negociação possível quando a manutenção da vida (ética, política, biológica, subjetiva, criativa) está em risco

Risco de ser sequestrada, obstruída ou poluída.

Tentei com essa pesquisa não julgar ou comparar os mergulhos, acredito que não seja esse o caminho e nem o método, e se o fiz foi por deslize, afinal,

TODAS
AS
ENTRADAS

SÃO

BOAS

DESDE

DE

QUE

AS

SAÍDAS

SEJAM

M Ú L T I P L A S¹⁰³

Tentei elaborar sobre meu contexto, o lugar onde me encontro, o contexto de uma artista. Corpo território.

Me refiro aos meus trabalhos, neste trabalho não como meramente ilustrativo do texto, mas me aproprio da estratégia de construir uma colaboração e confluência entre o texto e os trabalhos. Ambos são autônomos mas juntos constituem um corpo de trabalho coletivo. Para além do espaço de elaboração, me interessa também o lugar de produção de conhecimento, conhecimentos, sabedorias e a partir daí poder criar novas imagens de mundos, trago aqui o sentido de imagem num campo ampliado, imagens capazes de fermentar outras imagens e possibilidades de existências.

103 Rolnik, Suely. Cartografia ou de como pensar o corpo vibratil. <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>

Tentei com que esse mestrado não fosse apenas o lugar da elaboração da minha poética, mas que de alguma forma também pudesse ser a própria poética. Uma água que invade o texto e também invade a produção.

O texto é um lugar, tem forma, tem cor, tem espessura, tem organização, tem desejo, tem vibração, tem calor, tem ondas, linhas e espaços. Abre e fecha espaços. Transborda, seca, faz babar, lacrimejar, tem vida.

Mergulhada nessa pesquisa, acredito ser importante ressaltar alguns processos de travessias, idas e vindas, alguns deslocamentos físicos territoriais e subjetivos, foi um período de trânsito. Acredito ter me lançado em diferentes meios, de um lugar a outro pode se fazer emergir coisas. O território da arte é o lugar do incapturável, tem um espaço que é dessa ordem nesse campo, no entanto fala-se muito sobre economia, economia dessas forças, acredito que seja necessário criar-se outras economias e transitar por algumas que já são possíveis e que fogem a lógica de capturas. Recorro ao mergulho, como um atravessamento radical entre coisas e ambientes. Produzir fugas, se necessário, afogamentos, nado livre e poder boiar.

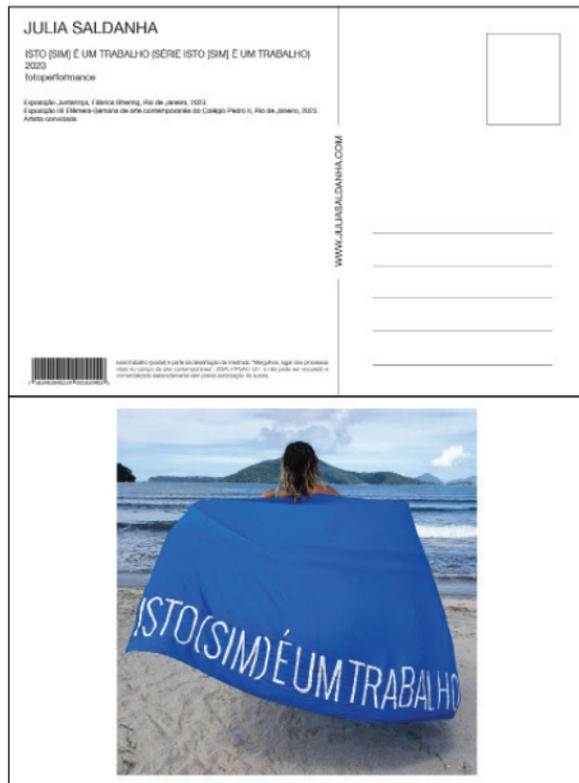
Assim, penso meus trabalhos, como dispositivos, abertos e dispostos ao encontro que constroem um campo de reverberação, essa dissertação também se faz assim, não é uma obra e nem um objeto encerrada nela mesma.

É uma pesquisa, é uma experiência,

é um mergulho,

... é [sim] um trabalho,

são muitos os trabalhos.



COM QUEM MERGULHEI

Autores Livros Podcasts Teses Musicas etc.

Livros e textos publicados:

AGAMBEM, G. O que é um dispositivo? (conferência)

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. A menina do mar. Cosac Naify, 2014

BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BASBAUM, Ricardo. Manual do Artista e etc. 1. ed. - Rio de Janeiro : Beco do Azougue, 2013.

BASBAUM, Ricardo. Amo os artistas-etc. Publicado em Políticas Institucionais, Práticas Curatoriais, Rodrigo Moura (Org.), Belo Horizonte, Museu de Arte da Pampulha, 2005.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Diálogos. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O Anti-Édipo. São Paulo: Editora 34, 2 edição, 2011.

DELEUZE, G. Diferença e repetição. Trad. R. Machado e L. Orlandi. Rio de Janeiro: Graal, 2009a.

DELEUZE, Gilles. Foucault. Tradução Claudia Sant'Anna Martins; revisão da tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

Deleuze, Gilles e Guattari, Felix. O que é Filosofia. Editora 34. 2010.

DURAS, Marguerite. Escrever. Ed. Relicário, [primavera de 2021].

FABIÃO, Eleonora. Programa performativo: o corpo-em -experiência. Revista do Lume, Unicamp. Disponível em: <https://orion.nics.unicamp.br/index.php/lume/article/view/276>

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cad-pagu/article/view/1773>. Acesso em: 13 nov. 2023.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir, a educação como prática de liberdade. Editora Martins Fontes.

KUNSCH, Graziela. Conversa como lugar. São Paulo. Ed. Pressa, 2011.

Krenak, Ailton. Futuro ancestral, Cia das letras, 2022.

MADEIRA, Carla. Tudo é rio. 15. ed. Rio de Janeiro, ed. Record, 2023.

PASSOS, Eduardo e KASTRUP, Virginia. Cartografar é traçar um plano comum. UFF e UFRJ. Disponível em: <https://www.scielo.br/fj/fractal/a/nBpkNslc6DrmsTUmxfRCZWk/?format=pdf&lang=pt>

PRECIADO, P. Beatriz. Um apartamento em Urano - Crônicas da travessia, Rio de Janeiro, ed. Zahar, 2021.

PRECIOSA, Rosane. Rumores discretos da subjetividade: Sujeito e escritura em processo. Ed. Sulina, 2010

ROLNIK, S. Esferas da insurreição - Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo, Brasil: N-1, 2018

ROLNIK, S. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 2006

ROLNIK, Sueli. Terapêutica para tempos desprovidos de poesia. PUC_SP. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/terapeutica.pdf>

ROLNIK, Sueli. Cartografia ou de como pensar o corpo vibrátil. PUC_SP. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>

SCHNEIDER, Adriana e FABIÃO, Eleonora (orgs.). Janelas abertas. Rio de Janeiro, ed. Cobogó, 2023.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. 30.ed. Rio de Janeiro, ed. Vozes, 2014.

A inadequação como um ato de responsabilidade: Graziela Kunsch entrevistada por Regina Johas§. Disponível em: <https://naocaber.org/a-inadequacao-como-um-ato-de-responsabilidade-graziela-kunsch-entrevistada-por-regina-johas/>

Podcasts:

Conversas para abrir caminhos. André Gravata

Imposturas filosóficas. Rafael Lauro e Rafael Trindade

Leituras.org

teses e dissertações:

BARRETO, Jorge Mascarenhas Menna. Lugares moles. 2007. Dissertação (Mestrado em Artes Plásticas) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/D.27.2007.tde-05072009-204120.

GRACIOTTI, Thais. Viagem a um arquipélago possível: O artista viajante em processo. Tese de doutoramento. Processos artísticos contemporâneos. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

GIROTTI, Karlla. O avesso de tudo o que é humano e a orquestra feiteira. Tese de doutoramento. Psicologia clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

KUNSCH, Graziela Krohling. Não caber + Início da pesquisa Estou na frente da câmera mas a minha cabeça está atrás dela ou A performance da diretora ou A performance da crítica. Tese de doutoramento. Meios e processos audiovisuais. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

ZÓE, Cafira. Cerca não prende rio. Dissertação de mestrado. Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

OLIVEIRA, Danilo Patzdorf Casari. Artista-educa-dor: a somatopolítica neoliberal e a crise da sensibilidade do corpo ocidental(izado). Tese de doutoramento. Teoria ensino e aprendizagem. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2022.

Músicas:

playlist mergulhos

acesso em: <https://open.spotify.com/playlist/2xWJdvfluTr0UdQoOvIkYb>

TRANSBORDAR

Mergulhar para dissolver as palavras: dissovel o texto e transbordar em sensação

trans-bor-dar¹⁰⁴

1 Sair ou fazer sair fora das bordas, das margens.

2 Manifestar(-se) impetuosamente; não poder conter-se.

3 Espalhar-se em várias direções; derramar-se.

4 Estar repleto, ter em demasia.

1.Do Latim TRANS, "através, do outro lado", mais borda, que vem do Germânico BORD, "lado, extremidade, limite"²¹⁰⁵

Este capítulo parte de um transbordamento. É um livro dentro do livro e ele sai de dentro da dissertação. É como um rio que escorre da dissertação, que quer buscar o mar. Um livro que se faz do meu encontro com o rio e da abertura de outros encontros. Colocar-se em processo faz com que novos processos se abram. Por exemplo: aqui é uma Ubatuba que transbordou pela minha pele, que é a superfície mais extrema do corpo e a mais profunda. Aqui, o texto também se transbordou em imagens, sensações, texturas. Ao mesmo tempo que o texto se deslocou e se diluiu em imagens ele também nos rememorou que também são imagens e elas também são textos.

Capítulo livro, capítulo rio.

Pensei muito sobre esse capítulo, pois ele carrega algo singular: é uma parte da dissertação que se dá quase toda em imagens. Não gostaria que essas imagens tomassem um lugar superficial ou ilustrativo, apesar de atualmente as figuras assumirem um caráter excessivo e

104 <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/transbordar>
2 <https://origemdapalavra.com.br/palavras/transbordar/#:~:text=Resposta%3A,lado%2C%20extremidade%2C%20limite%2%80%9D>.

superabundante... Não gostaria que fossem meros quadradinhos, como os que roamos no instagram diariamente. Estas imagens trazem dentro de si um encontro prévio com a leitura do texto. Gostaria que essa leitura ainda povoasse o leitor que agora lê imagens. A pergunta que divido aqui com você leitor é: como criar um corpo potente e vibrátil para ler e decifrar essas imagens?

Meu desejo com este capítulo é poder movimentar as imagens entre si e com quem entrar nesse rio. Construo uma forma de operar com o trabalho que tenta recuperar a forma de operar do rio em relação ao meu corpo. Aposto na ideia de que essas imagens constroem pensamento e experiência junto às palavras e ao texto. São imagens que criam, deslocam, produzem territórios a cada página, ao passo que também constroem um imaginário entre páginas. Assim como meu contato com o rio pode agenciar territórios em meu corpo. A paisagem nos ensina, nos mostra e nos apresenta vida.

Além disso, as imagens são de um lugar em movimento e talvez, de um processo longo de desaparecimento³. Desde que cheguei em Ubatuba, quando criança, já era possível perceber uma lenta mudança na paisagem.

Proponho um conjunto de imagens que sejam propulsoras, que projetam saberes, que sejam capazes de nos ensinar, nos orientar, nos mostrar algo, revelar sutilezas, gestos e formas dos mais variados tipos, em suma, que sejam imagens criadoras. Brinco com elas, as suas texturas, as suas histórias, as palavras. Há um trabalho de edição cuidadoso em mais de cinco mil imagens captadas em quase quatro anos. Optei por trazer fotos de dentro do período de escrita e produção deste trabalho em sua grande maioria, pois são imagens que revelam a minha travessia durante esse período. Há uma afirmação a ser dita, enquanto se pesquisa também se produz imagens (imagens-territórios). Assim, também é no corpo.

O trabalho com as imagens acaba por ser um arquivo que se constrói em relação aos meus movimentos textuais e físicos. Há registros de relações: já pré-estabelecidas, ou que estabelecem, ou outras que os diferentes corpos estabelecem comigo. Registros de relações cotidianas que foram se construindo ao longo de um período de tempo.

106 Aqui me refiro ao aquecimento global e as mudanças climáticas que estão alterando o volume e a temperatura dos oceanos.

É quase cinema. É quase arquivo.

As imagens em si já contêm seu próprio movimento, e por isso é um convite ao mergulho.

Coloco aqui um pouco do meu olhar para os desenhos do espaço, da cidade, dos territórios, das passagens de tempo, dos marcos temporais humanos e não humanos. Marcos temporais duradouros e outros efêmeros. Tempos sobrepostos, que dialogam com o tempo do meu corpo.

"Nas andanças dessas composições...(se) interliga tudo o que no cosmos existe e a tudo recorre em ondas de radiação e de transmissão da energia vital que garante a existência ao mesmo tempo comum e diferenciada de todos os seres, nos quais se inclui a pessoa e seus entornos, na variedade e diversidade de sua natureza. Canal da força vital, a concepção ancestral, como um novelo, inclui, no mesmo circuito fenomenológico, as divindades, a natureza cósmica, a fauna, a flora, os elementos físicos, os mortos, os vivos e os que ainda vão nascer, concebidos como anelos de uma complementaridade necessária, em contínuo processo de formação e de devir"⁴

Há um desejo de ir além dos registros como pesquisadora de campo. A ideia não passa apenas por representar, registrar e capturar, mas também ela passa por ser afetada e poder afetar. Poder me debruçar sobre pequenos acontecimentos, situações inesperadas; poder colocar o corpo aberto, atento e poroso em relação a vibrações sutis que aconteciam ao meu redor. Sustentar por um longo período de tempo uma escuta ativa e atenta, que envolve o corpo e com o corpo todo. Nessas imagens, tento dar conta de experiências por meio da linguagem visual sem colocar hierarquias entre a escrita e a imagem.

Como já falei anteriormente, acredito que é preciso um olhar cuidadoso com estas imagens, um **olhar com todo o corpo**, com todos os sentidos, como quem anda de canoa pelo rio e sente a paisagem desconhecida. É preciso querer conhecer as imagens e não apenas vê-las. Mergulhar nelas. Poder habitá-las, poder além de fazer mirada, fazer morada. Residir.

⁴ aqui penso junto a Leda Maria Martins "um tempo que não elide as cronologias, mas que a subverte" pg.42. MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

Residir é poder deixar ficar, viver e com-viver. Um espaço que se habita.

Este trecho da dissertação é também sobre imagens que naufragaram e sobreviveram no mundo das imagens. É poder naufragar o mundo das imagens como conhecemos e poder criar outros territórios imagéticos cheios de vitalidades.

Livro-rio, que passa a ser um presente de/para/com Ubatuba, são imagens do período de 2020 até 2023. Ao passo que são imagens de um passado, são também imagens de um futuro, pois como diria Ailton Krenak: “o futuro é ancestral e faz se necessário estabelecer um sensível vínculo com a memória dos nossos antepassados e culturas”⁵

Ao longo desses anos, por um “acaso” ou por curiosidade, fui gerando um amontoado de fotos do Centro da Cidade de Ubatuba, do Rio Indaiá, da Praia do Perequê Açu e da Praia da Barra Seca. Nessas imagens, estão diferentes estações do ano, diferentes horários, diferentes luas, climas, atmosferas e etc.

Essas imagens que junto as outras apresentadas nesse trabalho também movimentam a escrita, a pesquisa e a mim, são como um ajuntamento e enlace formam cartografias. O movimento do Rio fazia com que eu me movesse junto, em direção a pesquisa, produzindo desvios, outras rotas, caos, agitações, silêncios, ondas, mostrando tesouros escondidos, possibilidades e habilidades de navegar, espaços para divagações e afogamentos.

O interesse é pensar num arquivo afetivo e político como estratégia de criação e reverberação, a construção de um *campo de imanência*:

“O plano de imanência é o mar, no qual queremos navegar, o deserto que queremos atravessar, o concreto que o praticante de *Le Parkour* encara, a corrente de ar que sustenta o voo do pássaro. Nós não o vemos, mas ele está lá, esperando para ser traçado, vivenciado, percorrido. Ele oferece um mapa, mas não um caminho, oferece um platô, mas não uma direção!”⁶

5 Krenak, Ailton. *Futuro ancestral*, cia das letras, 2022.

6 TRINDADE, Rafael. *Deleuze e Guattari - Linha de fuga*. Razão inadequada. Site imposturas filosóficas. Acesso em 12/01/24.

“É através do plano de imanência que nos orientamos no pensar, ele é o primeiro recorte do caos, ele opera as conexões entre os diversos conceitos que o habitam. Se dissemos que os conceitos são elásticos, então precisamos dizer que o plano deve ser fluido. Um se ajusta ao outro. É apenas traçando um plano que é possível envolver a velocidade infinita dos conceitos. Não podemos esquecer, a filosofia cria conceitos para enfrentar o caos, para isso ela precisa erigir um plano que dê conta de tal tarefa sem perder o infinito”⁷

“Precisamente porque o plano de imanência é préfilosófico, e já não opera com conceitos, ele implica uma espécie de experimentação tateante, e seu traçado recorre a meios pouco confessáveis, pouco racionais e razoáveis. São meios da ordem do sonho, dos processos patológicos, das experiências esotéricas, da embriaguez ou do excesso. Corremos em direção ao horizonte, sobre o plano de imanência; retornamos dele com olhos vermelhos... É que não pensamos sem nos tornarmos outra coisa, algo que não pensa, um bicho, um vegetal, uma molécula, uma partícula, que retornam sobre o pensamento e o lançam.”⁸

Este livro é um gesto inacabado, livro porvir, pois um arquivo não é apenas uma captura, mas um campo de forças atuantes e geradores de futuros. Um arquivo é relação, é também força vital e construção de mundos.

Este é um livro que o vento leva e assim ele se desdobra em um rio. Sendo capaz de provocar sensações e produzir mergulhos. Na medida em que desloco o tamanho das coisas por meio de recursos de edição e montagem, acabo por nos tornar pequenos ou grandes em diversos momentos, produzindo uma alteração de escalas e novas possibilidades da gente (eu, você e os cachorros) se re-conhecer no mundo, produzindo uma compreensão e uma reelaboração da nossa própria interação com o espaço que habitamos. Como nos alerta Rachel Carson: “a história da vida na terra tem sido uma história das interações entre coisas vivas e aquilo que nos cerca”. Mudar o modo de nos relacionarmos com o mundo nos exige que nos reconheçamos nele, assim como nos exige que percebamos nosso tamanho e vulnerabilidade diante de tanto.

Este livro se faz como dobra no tempo, que se desdobra e redobra, mostrando múltiplas fac-

7 Idem.

8 Deleuze, Gilles e Guattari, Felix. *O que é Filosofia*. Editora 34. 2010.

etas de um trabalho de pesquisa, visto que traz consigo movimentos geológicos, culturais, espaciais e ecológicos.

Reconheço esse livro como algo vivo, de forma que muitas das coisas que estão aqui se apresentaram a partir da minha presença, e tecemos relações. Relações essas de ordens não completamente pré-estabelecidas e que me fizeram também criar novas relações a partir dessas anteriores.

Busco neste livro e com ele, que possamos nos entrelaçar entre as vidas; que possamos fazer novos acordos com o mundo, ou mesmo pequenas interações cuidadosas. Colocar-se do tamanho das vidas é também se movimentar com elas, dar a ver o outro e poder se diluir. Todas as coisas e seres são coisas repletas de vitalidades e intensidades diversas.

Há aqui uma construção de um viver-tempo, meu tempo, seu tempo, nosso tempo, tempo ancestral, um tempo território⁹. Há também um lugar de contemplação, um lugar de descanso e pouso. É um navegar lento, um marear, boiar. É um convite: entre.

Entre nesse rio. Mergulhe em Ubatuba.

Por fim, vale ressaltar que essas imagens não serão referenciadas e legendadas, o que me pareceria correto e importante num trabalho acadêmico, porém aqui a dissertação produz sua própria linha de fuga, criando um campo expandido, dissolvendo e confundindo possíveis fronteiras que (ainda) possam existir entre uma dissertação e um trabalho de arte. Entre uma jornada acadêmica e as experiências da Auto_Residência.¹⁰

Uma residência artística, além de muitas outras coisas é: enquanto as águas passam, a artista ali reside em meio aos fluxos e passagens, existindo enquanto é afetada por esse espaço ininterrupto de devires. Eu, antes desta experiência, nunca havia pensado em uma exposição aqui penso junto a Leda Maria Martins "um tempo que não elide as cronologias, mas que a subverte" pg.42. MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralado*. poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Caju, 2021. ⁹ Aqui me refiro às experiências artísticas que passei a desenvolver desde 2020, no período da pandemia, a qual já mencionei anteriormente neste texto. Estas experiências além de serem o próprio trabalho artístico, também, resultaram no título de um trabalho, que fez parte da exposição coletiva "pedi um sonho_G>E", no espaço canteiro na cidade de São Paulo em novembro e dezembro de 2023. ¹⁰

como lugar de uma artista habitar fluxos.

A jornada acadêmica é, além de muitas outras coisas: um passar de águas. Os encontros de águas foram muitos e a pesquisadora resistiu ali em meio aos fluxos e passagens, resistindo enquanto é afetada por esse espaço ininterrupto de devires. Anteriormente a esta experiência, nunca havia pensado em um espaço acadêmico como lugar de mergulhos, no caso: **uma artista a mergulhar**.

